



UFRJ

O PERFIL DE VERCINGETÓRIGE NO *DE BELLO GALLICO* DE CÉSAR

Diego Verissimo de Oliveira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Edison Lourenço Molinari

Rio de Janeiro

Abril de 2008

Oliveira, Diego Verissimo.

O perfil de Vercingetórige no *De Bello Gallico* de César / Diego Verissimo de Oliveira. Rio de Janeiro: UFRJ / FL, 2008.
vii, 65 f.: 29,7 cm.

Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, 2008.

Orientador: Edison Lourenço Molinari

Referências bibliográficas: 57-59.

1. Literatura Latina. 2. César. 3. Gália. I. Molinari, Edison Lourenço.
II. UFRJ, FL, PPGLC. III. Título.

O perfil de Vercingetórige no *De Bello Gallico* de César

Diego Verissimo de Oliveira

Orientador: Prof. Dr. Edison Lourenço Molinari

Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Aprovada por:

Presidente, Prof. Dr. Edison Lourenço Molinari – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Alice da Silva Cunha – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Mary Kimiko Guimarães Murashima – UERJ

Prof. Dr. Amós Coêlho da Silva – UERJ (Suplente)

Prof.^a Dr.^a Vanda Santos Falseth – UFRJ (Suplente)

Rio de Janeiro

Abril de 2008

RESUMO

OLIVEIRA, Diego Verissimo de. **O perfil de Vercingetórige no *De Bello Gallico* de César.** Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

A pesquisa gira em torno do perfil de Vercingetórige, príncipe dos Arvernos, apresentado no livro VII dos *Commentarii de Bello Gallico* de César. O destaque da pesquisa se refere à maneira peculiar com que o adversário é tratado: Vercingetórige, o chefe da confederação gaulesa, é sempre visto de forma bastante respeitosa, nunca ofensiva. Ao evidenciar o prestígio do chefe gaulês, César parece intencionado a aumentar a grandiosidade de seus próprios feitos, pois teria derrotado um oponente quase tão virtuoso como ele mesmo. Na primeira parte deste trabalho, enfatizaremos a figura de César e sua trajetória política e literária. Examinaremos, em seguida, dados acerca do príncipe Vercingetórige. Posteriormente, será feita a análise de alguns trechos em que César, em sua obra, apresenta o chefe gaulês. No embate entre os dois grandes comandantes, não há, de forma clara, uma distinção específica entre bem e mal. A pesquisa busca discutir como o discurso acerca do inimigo é capaz de servir de propaganda do próprio César, já conhecido pela valorização de si mesmo e de seus atos.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Diego Verissimo de. **O perfil de Vercingetórige no *De Bello Gallico* de César.** Rio de Janeiro, 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

This paper is related to the profile of Vercingetorige, Prince of Arverni, presented in the book VII of the Caesar's *Commentarii de Bello Gallico*. The main point of the research refers to the uncommon way an adversary is treated: Vercingetorige, the leader of Gallic confederation, is always seen as respectable, never offensive. Once highlighting the Gallic leader's reputation, Caesar seems to be intentioned to improve the perception of the size of his own acts, once he, himself, would have been defeated an opponent as virtuous as himself. In the first part of this paper, we will emphasize the image of Caesar and his political and literary path. We will analyze, secondly, information on the prince of Vercingetorige. After this, an analysis of some pieces of the book in which Caesar presents the Gallic leader will be made. In the shock between the two great commanders there is not, clearly, a distinction between good and evil. The research wants to discuss how the discourse about the enemy is used as propaganda to Caesar, well known for the valorization of his own actions.

À minha família.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Edison Lourenço Molinari, pela atenção disponibilizada durante todo o tempo da pesquisa – inclusive, pelas necessárias exortações. Sua dedicação e sapiência são exemplares para mim. É grande minha gratidão.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ, especialmente, ao Prof. Dr. Henrique Cairus e à Prof. Dra. Ana Thereza Basílio Vieira, por toda a consideração em me atender nos momentos de dificuldade desta caminhada.

Aos professores e colegas do Departamento de Letras Clássicas e Orientais da UERJ, que, por meio das aulas ou da simples convivência, contribuíram para que eu me tornasse um entusiasta da cultura greco-romana.

Aos meus amigos, que souberam respeitar meus momentos e sempre se preocuparam em saber como estava o andamento da pesquisa, pela disposição em ajudar.

Ao companheiro Beethoven, que, além de colega de turma, soube ser um grande incentivador ao longo do Mestrado, sempre com uma palavra animadora, com conhecimento de causa de quem também estava na luta.

Aos meus pais, Zezé e Dete, minha base, pelo natural carinho e apoio – muitas vezes, silencioso, mas sempre intenso – durante toda a minha vida profissional.

À Bruna, que foi namorada e noiva nesse tempo de Mestrado: a recompensa disso tudo virá logo...

A Deus, que me proporcionou todas as linhas acima – e outras tantas entrelinhas na vida...

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. ROMA NO SÉCULO I a.C.	12
3. OPTIMATES E POPULARES	17
4. JÚLIO CÉSAR	20
4.1. Carreira pública	20
4.2. Formação retórica	25
4.3. Produção literária	28
4.4. <i>De Bello Gallico</i>	32
5. CONQUISTA DA GÁLIA	36
6. VERCINGETÓRIGE	39
6.1. Chefe gaulês	39
6.2. Discursos aos gauleses	40
7. TRADUÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS	42
7.1. Apresentação de Vercingetóriges (7, 4)	42
7.2. Discurso de Vercingetóriges (7, 14)	43
7.3. Vercingetóriges defende-se das acusações de traição (7, 20-21)	45
7.4. Vercingetóriges restabelece a confiança dos gauleses (7, 29)	48
7.5. Confiança dos gauleses e elogio de César (7, 30)	50
7.6. Vercingetóriges seleciona os chefes mais valorosos (7, 31)	51
7.7. Vercingetóriges expõe seus planos aos hédusos (7, 64)	52
7.8. Reforços em nome da liberdade comum (7, 71)	54
7.9. Os gauleses contrariam as ordens de Vercingetóriges (7, 75)	56
7.10. Vitória de César em Alésia (7,88)	57
7.11. Rendição de Vercingetóriges (7, 89)	58
8. CONCLUSÃO	60
9. REFERÊNCIAS	63

1. INTRODUÇÃO

Tendo como fundamentação teórica e principal pressuposto a obra *L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César*, de autoria de Michel Rambaud, este trabalho visa apontar o perfil do príncipe dos Arvernos, Vercingetórige, apresentado no livro VII do *De Bello Gallico*, de Júlio César. Mais do que apenas traçar a imagem do chefe gaulês, o diálogo com a obra de Rambaud, que lista determinados itens reveladores de técnicas de demonstração, persuasão e propaganda acerca do fato narrado, permitirá levantar pontos importantes no que diz respeito a uma eventual deformação histórica efetuada por César. Embora respeitando integralmente a expressão adotada por Rambaud, deve-se entender que Júlio César interpreta os fatos históricos de acordo com seus objetivos políticos. Cabe a esta leitura verificar como isso ocorre no sétimo livro do *De Bello Gallico*.

O caminho para esse levantamento do perfil do adversário não poderia ser outro senão a análise dos discursos de Vercingetórige transcritos pelo general romano. A partir dali, o príncipe gaulês torna-se conhecido. É um Vercingetórige visto através de César, um homem que se torna conhecido do leitor por intermédio das impressões de outrem. No *De Bello Gallico*, apresenta-se uma maneira bem peculiar de tratar o adversário: o chefe da confederação gaulesa é sempre visto de uma forma bastante respeitosa, nunca ofensiva, de modo a quase poder ser considerado o equivalente ao próprio Júlio César. Tanto as ações em si quanto os discursos de Vercingetórige na tomada de suas decisões são apresentados com um teor mais elaborado – quase solene – e menos depreciativo do que o tratamento direcionado a qualquer outro inimigo. Entretanto, tudo o que se sabe sobre seus discursos, sobre sua postura, é revelado por meio do general romano. Até que ponto o que é relatado acerca de Vercingetórige é deformação histórica ou não? Como essa eventual deformação

ocorre? Quais os indícios desse aspecto no *De Bello Gallico*? São as questões que Rambaud ajuda a, senão responder por completo, compreender e estimular maiores investigações.

Discute-se com isso como o discurso acerca do inimigo é capaz de servir de propaganda dos feitos do próprio César, já conhecido pela exacerbada valorização de si mesmo – inclusive, dizendo ser de ascendência divina. No prestígio atribuído ao chefe gaulês, há a intenção de aumentar a grandiosidade dos feitos de César, uma vez que ele teria derrotado um oponente quase tão virtuoso como ele mesmo? Vale destacar que o livro VII do *De Bello Gallico* trata do momento crucial da guerra: é o embate entre os dois grandes comandantes. O interessante é que não há, de forma clara, uma distinção específica entre bem e mal: ainda que haja grande intenção em apenas valorizar os feitos de César ao máximo, há também considerável respeito pelo gaulês.

Para se chegar à discussão dessas questões centrais, será traçado um roteiro que passará pelos seguintes pontos, que colaborarão para o desvelar de tais informações: o contexto social e político da Roma do século I a.C.; a situação política da cidade, dividida entre os Optimates e os Populares; o personagem Júlio César, com sua carreira pública, aliada a sua formação retórica e a sua produção literária (com óbvio destaque para o *De Bello Gallico*), e as campanhas militares; a conquista da Gália especificamente; o personagem Vercingetórige, com destaque para seu papel de chefe gaulês e a importância de seus discursos para seu povo.

Na análise dos discursos supostamente pronunciados por Vercingetórige, serão destacados o emprego dos verbos declarativos, que realçam as nuances do pensamento do chefe gaulês. Serão ressaltados sua ascendência moral e militar sobre seus subalternos, o sentimento da liberdade nacional acima das divergências locais, a independência do território gaulês acima do bem-estar pessoal, o bem comum acima do patrimônio individual e familiar,

dentre outros valores defendidos pelo comandante das tropas dos arvernos, que aspira à liderança de todas as forças do mundo céltico contra a ocupação das legiões romanas.

O texto do *De Bello Gallico* usado para esta pesquisa é o das edições *Les Belles Lettres*, estabelecido por L.A. Constans, tendo sido também consultado, para maiores esclarecimentos históricos, geográficos e filológicos, o texto das Edições Garnier anotado por Henri Goelzer. Outra obra que merece ser destacada é *Vercingetórige*, de Jacques Révil, na qual são analisados trechos do livro VII do *De Bello Gallico*, referentes às operações militares romanas e gaulesas, e onde fica evidenciado o perfil de Vercingetórige. Para questões relativas à análise do discurso indireto usado por César, destacamos o uso da *Syntaxe latine* de Alfred Ernout e François Thomas, bem como da *Sintaxis latina* de Mariano Bassols de Climent.

Foram-nos ainda de grande valia as obras *Roma e o seu destino*, de Raymond Bloch e Jean Cousin para as informações históricas, bem como os dicionários de Félix Gaffiot e F. R. dos Santos Saraiva para a tradução dos originais latinos.

Para a maior organicidade do trabalho, foram atribuídos títulos aos textos analisados, os quais vêm numerados em arábicos, de acordo com sua localização em César, na seguinte seqüência: indicação do sétimo livro (7) e número do capítulo.

2. ROMA NO SÉCULO I a.C.

Em julho do ano 100 a.C., nasce Caio Júlio César. Para compreender melhor todos os pontos da construção de sua carreira, faz-se necessário apresentar um breve contexto da vida que se leva na, até então, cidade-estado. Inicialmente, o que caracteriza uma cidade-estado? Uma sociedade em que os habitantes, em caso de uma eventual guerra, estão expostos à escravidão ou à morte; que tem sua fundação explicada a partir de um herói, de um varão; que tem seus primeiros habitantes vindos de outras localidades e, espontaneamente, instalados entre seus muros; que se encontra sob a proteção de um ou mais deuses, desde que os cidadãos lhes rendam o devido culto.

Enfim, voltando ao contexto dessa cidade-estado no tempo do nascimento de César, verifica-se que se trata do tempo dos eventos da política interna conduzindo o processo de declínio da República Romana, algo que já vem acontecendo desde o fim do segundo século a.C.. É um tempo de contendas e revoltas, em que principia a ser esboçado o desejo do poder pessoal, em detrimento do maior interesse pelo bem comum, que representava a *res publica*.

É o tempo em que se vive ainda a tentativa das reformas de cunho agrário planejadas pelos irmãos Gracos¹ – Tibério, tribuno em 133 a.C., e Caio, tribuno em 123 a.C. –, em que se busca uma justa distribuição de terras entre os cidadãos, inclusive os mais pobres, almejando recuperar o antigo equilíbrio social e político. Após a morte dos Gracos, provocada igualmente por seus adversários políticos (os adversários de ambos tentam prejudicar, por todos os meios, a efetivação das reformas, inclusive, usando a violência), ocorre uma reação contra as tentativas de reformas. As distribuições de trigo e terras aos mais pobres são suspensas. O partido popular fica, então, afastado do poder.

¹ Embora pertencentes às altas camadas sociais de Roma, caracterizaram-se pela posição de defender os interesses das camadas mais pobres da sociedade romana. Mais à frente, isso será retomado, no capítulo que trata de *optimates* e *populares*.

É também recente ainda a guerra contra Jugurta, forte reação da ordem eqüestre formada por homens de negócios (*negotiatores*) ao massacre de negociantes italianos cometido pelas tropas deste, encerrada em 104 a.C. Igualmente recente é a reação contra a invasão dos cimbros e teutões (que tinham em sua tradição elementos célticos e germânicos) ao território romano. Se, em um primeiro momento, os romanos sofrem consideráveis derrotas devido ao ímpeto dos ataques bárbaros, conseguem se aproveitar da falta de organização e planejamento destes, sobrepondo-se aos invasores. Em torno de 101 a.C., cimbros e teutões são derrotados.

Um nome aparece como fundamental para a resolução dessas duas contendas: Caio Mário. A ordem eqüestre e o partido popular se aproximam e elegem Mário cônsul para o ano 107 a.C. Este promove uma importante reforma militar, não só dando novo armamento e nova organização aos legionários, mas também admitindo voluntários da classe mais pobre (vetados até então, pois a situação econômica do cidadão influenciava no ingresso no exército). Como conseqüência, essa medida traz o aparecimento da profissionalização do serviço militar, em que o soldado se vincula mais à pessoa de seu general do que à República. Essa reforma de Mário, ao mesmo tempo em que prepara o terreno para sangrentas guerras civis e, conseqüentemente, a queda do regime, restabelece o prestígio das legiões romanas na África, sendo fundamental na vitória sobre Jugurta e sobre os cimbros e teutões (supracitadas), quando o exército romano é transportado, às pressas, para a Gália Narbonense.

Sobre este território, faz-se necessária breve explanação, a fim de que melhor se entenda o desdobramento desta pesquisa: quando for aprofundada a questão da conquista da Gália por César, será necessário distinguir entre a Gália de César e a província que já era de domínio romano. Logo após a intervenção enérgica de Cipião na Espanha², os romanos

² Cipião Africano, o menor, nomeado cônsul em 134, desembarcou na Espanha para derrotar a maior parte das rebeliões dos lusitanos e celtiberos na resistência contra o domínio romano na Península Ibérica. O assassinio do legendário camponês Viriato, líder dos lusitanos nas práticas de guerrilhas, em 139, e a tomada de Numância, no

intentaram estabelecer um canal de comunicação por terra entre o norte da Itália e a Península Ibérica. Abriam o caminho mediante pequenas campanhas que empreenderam durante anos contra os povos celtas que viviam a oeste dos Alpes: primeiro contra os alóbroges; depois, contra a poderosa nação dos arvernos, da qual é oriundo o personagem sobre o qual versa esta pesquisa: o príncipe Vercingetórige. Vencidos estes últimos em 121 a.C., os romanos foram ocupando territórios entre os Alpes e os Pirineus. O comércio dessas regiões se concentrava em Marselha, cidade federada de Roma, cujo domínio se consolidou com a fundação de *Aquae Sextiae* e com a colonização de Narbo, antiga capital dos celtas. Essas duas cidades, situadas, respectivamente, a ocidente e oriente do Ródano, possibilitavam vigiar a extensa passagem militar que unia Itália e Espanha. A colônia de Narbo deu nome à província transalpina, chamada *Gallia Narbonensis* ou, simplesmente, *Provincia Narbonensis*, denominada *prouincia* no decorrer do *De Bello Gallico* (atual Provença).

Com a defesa da província Narbonense, Mário atinge o auge de seu prestígio e é eleito cônsul pela sexta vez em 100 a.C.. A partir desta data, a história de Roma parece rumar para um novo contexto. Ainda que conserve seu aspecto tradicional, seu senado, suas assembléias populares e seus magistrados, os acontecimentos militares e a situação econômica caminham estreitamente ligados, o que gera uma agitação nas condições políticas e sociais. Aos poucos, homens de valor vão ascendendo ao primeiro plano, tentados que passam a cobiçar o poder pessoal: é o prenúncio do império; é o século do aparecimento de César, nascido no mesmo ano em que o tio, Mário, é mais uma vez cônsul.

Na segunda década do século I a.C., Roma atravessa uma das mais terríveis crises de sua história. Há a revolta dos povos italianos decepcionados com o assassinato do tribuno Lívio Druso, que lhes havia prometido direito de cidadania, estendendo o *nomen latinum* a todos os outros aliados. Unidos aos equestres, os senadores haviam combatido sua ação. Os

Alto Douro, em 133, são os principais marcos do fim da resistência e da consolidação do processo de romanização da Península Ibérica (ainda que a conquista definitiva só se efetivasse na época de Augusto).

italianos revoltam-se para tentar salvar os frutos de seu programa (mais do que, simplesmente, desejarem obter o direito de cidadania romana, há a preocupação com a política agrária adotada, que ameaça seus interesses). Após sangrentas lutas e desastres sofridos pelos romanos, os revoltosos são derrotados, em uma guerra com mais de 100.000 mortes. Roma, mesmo com a vitória, paga um preço pelo êxito: ruínas, mortes e leis que dão o direito de cidadania aos italianos fiéis, aos italianos arrependidos, aos soldados de elite que os seus chefes julgassem dignos de o obter. É bom frisar que essa concessão aos novos “romanos” fica condicionada a uma classificação nas tribos inferiores. A partir daí, há um ambiente de desordem, em que o poder do senado se apresenta diante de um exército sem pátria definida, formado por ex-escravos elevados à categoria de cidadãos, além de hispanos e gauleses assimilados. O clima ainda é o de revolta, que de novo eclode por ocasião da guerra da Ásia.

Após a primeira revolta italiana, contendas na política interna – motivadas pelo soerguimento do partido popular – e a revolta do rei Mitridates – que ameaça o poderio romano no Oriente – tomam a cena principal da história de Roma. Como ponto comum dos dois acontecimentos, aparece a figura de Lúcio Cornélio Sila. Inicialmente, designado para dirigir a guerra no Oriente, vê-se destituído do cargo e substituído por Mário, por meio de manobras elaboradas por seus adversários políticos. Revoltado, Sila decide marchar com seu exército sobre Roma, põe seus adversários em fuga (entre eles, Mário, que foge para a África) e parte para o Oriente com suas legiões (88 a.C.), no intento de enfrentar Mitridates. Dirige-se à Grécia, desbarata as tropas do rei, toma Atenas (86 a.C.) e estabelece que Mitridates aceite a paz em Dardanos (85 a.C.). Sila tem pressa em acertar as questões no Oriente para retornar o quanto antes a Roma, para disputar o poder. Em 83 a.C., retorna a Roma vitorioso, faz-se ditador e estabelece um governo marcado pelo terror e pelos enriquecimentos ilícitos.

Após a morte de Sila (78 a.C.), começa-se a desenhar aquilo que, mais à frente, virá a se configurar, com a participação do preeminente César, no primeiro triunvirato. Antes da

participação deste, outras duas figuras já vêm ganhando destaque na vida romana: Pompeu e Crasso. Ao passo que Pompeu guerreia na Península Ibérica, combatendo uma revolta contra Roma (em torno de 72 a.C.), Crasso derrota uma revolta de gladiadores e escravos em Roma (71 a.C.). Tentando fugir às legiões, os revoltosos tentam alcançar os Alpes, mas encontram-se com o exército de Pompeu regressando da Espanha. Os rebeldes são exterminados, e Pompeu tenta diminuir o mérito da vitória de Crasso, creditando a si a liquidação definitiva da revolta. Entretanto, os dois compreendem que, mais interessante do que a contenda entre si, é sua aliança: estabelecem um pacto, segundo o qual ambos seriam cônsules. É o ano 70 a.C. Em pouco tempo, os dotes militares de Pompeu fazem com que ele construa para si uma fama e glória bastante considerável em Roma. E o apogeu da carreira de Pompeu coincide com o aparecimento de Caio Júlio César no primeiro plano do cenário político. Estes fatos levam os três chefes militares a selar uma aliança nominal conhecida como o primeiro triunvirato, através da qual o poder político romano fica provisoriamente estabilizado.

Esse é o cenário em que se encontra a Roma do tempo de César: uma Roma que vive dias conturbados social e politicamente. É a crise da República. A cidade caminha em direção ao regime pessoal.

3. OPTIMATES E POPULARES

O senado, na oligarquia romana, era o órgão responsável pelas nomeações para as principais magistraturas do Estado. O que caracterizava esse senado era sua divisão em duas facções: os *optimates* e os *populares*³.

Os *optimates* eram uma facção de senadores conservadora, detentora de muita influência na época tardia da República Romana. A exceção era o importante cargo de Tribuno da Plebe, uma magistratura destinada a defender os interesses das classes populares. Os tribunos eram eleitos pelos plebeus, gozando de importantes prerrogativas: poder legislativo (podiam criar leis, mesmo com a oposição do Senado), inviolabilidade da sua pessoa (imunidade total durante o exercício do cargo), e poder de veto a todas as decisões do Senado. Os Gracos, embora pertencessem à nata da aristocracia romana, foram tribunos da plebe com preocupações sociais. Seus principais objetivos eram a limitação das assembleias populares romanas e o regresso ao poder incontestado do senado romano. Toda a sua política visava impedir a mudança das instituições governamentais, a perda das tradições que regiam o *mos maiorum* e a ascensão ao poder de “homens novos”, isto é, políticos oriundos de famílias fora dos círculos tradicionais. Curiosamente, dois dos principais líderes da facção, Cícero e Pompeu, eram homens novos (*homines noui*).

Os *populares* formavam uma facção de senadores romanos progressistas, por oposição aos *optimates*, conservadores. Defendiam uma maior intervenção das assembleias populares no governo da República Romana e a perda gradual do poder absoluto do senado romano. As suas idéias políticas incluíam a atribuição de cidadania romana a todos os povos que viviam sob domínio romano e reformas agrárias com vista a pôr fim aos latifúndios pouco

³ Algumas obras também chamam os populares de “democráticos”. Para evitar qualquer confusão por conta de anacrônica comparação com as acepções que a palavra tem nos dias de hoje, manteremos o termo original.

produtivos. Apesar das idéias liberais e do apoio popular que tinham, os *populares* eram, vários deles, membros da classe aristocrática romana.

No período tardio da República, os *optimates*, que eram fundamentalmente contra a concessão da cidadania romana às populações das então recém-adquiridas províncias romanas, encontraram um inimigo em Júlio César, a quem temiam pela sua popularidade junto das massas, capacidade de liderança e iniciativa de mudança (não pode ser suprimido o fato de César ser sobrinho de outro grande representante do partido popular, Mário). Os receios aumentaram à medida que o sucesso das guerras da Gália se tornou evidente. A facção conservadora acabou por impedir César de se candidatar a um segundo consulado, o que precipitou a guerra civil contra César que poria fim à atividade política dessa facção.

Como já fora citado, uma das marcas dessa constante diferença entre *optimates* e *populares* se encontra na atuação dos irmãos Graco. Netos de Cipião, o *Africano*, vencedor de Aníbal, e filhos de Tibério Semprônio Graco, um senador conservador que se notabilizou no governo da Hispânia, Tibério e Caio Graco pertenciam a uma das principais famílias da nobreza plebéia. Como não eram patrícios, podiam aspirar ao cargo de Tribuno da Plebe. Essa era, aliás, uma forma usual de os jovens das grandes famílias plebéias darem início às suas carreiras políticas.

Os *optimates* dominavam o senado. Visto que a única magistratura que não estava submetida à determinação senatorial era o cargo de Tribuno da Plebe, aí se lançaram os irmãos. O primeiro a ocupar o cargo foi Tibério (163-133 a.C.), o irmão mais velho. Foi assassinado por um grupo de senadores, nas escadas do Capitólio, um pouco à semelhança do que aconteceria a César (Cipião Emiliano, seu cunhado, teria aprovado ou até participado na conjuração para matá-lo). Anos depois, enveredando pela carreira política, seu irmão Caio (158-121 a.C.) seguiu-lhe os passos. Caiu igualmente assassinado⁴.

⁴ Conta-se de forma bastante curiosa a circunstância do assassinio de Caio Graco. Quando se discutia se procedia a eleição dos novos tribunos da plebe, ele teria levado a mão à cabeça, querendo, com isso, dizer aos seus

A partir do assassinato de Caio, deu-se o início das guerras civis. Daí por diante, a massa dos cidadãos romanos dividiu-se entre os *populares*, que reverenciavam a memória dos Gracos, e os *optimates*, que apoiavam o senado. Vale frisar que os *populares* não eram o povo de Roma, mas cidadãos livres que defendiam o interesse do povo⁵.

Eis algumas das medidas defendidas pelos irmãos que servem para ilustrar o que caracterizava a política dos *populares*: tentaram fazer uma reforma agrária, distribuindo terras do chamado *ager publicus*, ou seja, patrimônio do Estado, aos plebeus de Roma (obviamente, essa medida contou com a oposição dos grandes latifundiários); fizeram aprovar uma lei segundo a qual o tesouro do rei Átalo seria investido na aquisição de campos para uso dos plebeus e camponeses a quem as terras da Itália estavam a ser distribuídas⁶; retiraram dos patrícios o poder judicial, determinando que os júris dos tribunais passariam a ser constituídos por cavaleiros (*equites*) e patrícios em percentagens iguais⁷.

As reformas dos Gracos suscitaram a oposição dos patrícios, que governavam Roma desde o tempo dos reis etruscos. Daí em diante, e até o advento do Império (o regime do principado), com César e Augusto, Roma seria dilacerada por constantes embates civis entre *optimates* e *populares*. É certo que a atuação dos Gracos (e sua posterior importância na memória dos romanos) e a popularidade de Júlio César junto ao povo foram de grande contribuição para o enfraquecimento dos *optimates*.

partidários que suas vidas estavam em jogo. Se perdessem a reeleição, seria o fim. Todavia, o gesto fora mal interpretado pelos seus opositores, que prontamente o acusaram de desejar a coroa. Levantou-se imediatamente um violento tumulto, durante o qual Caio Graco caiu assassinado, juntamente com três mil dos seus seguidores.

⁵ Algumas obras registram dúvida quanto a esse “defender os interesses do povo”, que poderia ser apenas uma estratégia de conseguir um poder pessoal.

⁶ Coisa inédita até então, tomaram iniciativas no âmbito da política externa: o rei Átalo III de Pérgamo, recentemente falecido, tinha legado o reino ao povo romano.

⁷ O que acontecia até então era que, independentemente da gravidade de uma acusação, um patrício podia sempre contar com a benevolência de um júri constituído pelos seus semelhantes, que por sua vez esperariam igual solidariedade da sua parte, em situações análogas.

4. JÚLIO CÉSAR

4.1. Carreira pública

César provém de família nobre e recebe a educação – como todos os jovens de ascendência aristocrática – destinada a formar o cidadão apto a administrar com eficiência e patriotismo a *res publica*.

Embora eleito *flamen*⁸ em 87 a.C., aos treze anos, por intermédio de Mário, dada a necessidade de um patrício para o cargo após a morte do *optimatus* Cneu Cornélio Mérula, somente aos dezoito anos é que César parece ter sua carreira pública iniciada de fato. Em 78 a.C., o sobrinho de Mário ingressa no serviço militar, condição preliminar para o surgimento de uma carreira política. Ainda que pertencente a uma família senatorial, o que lhe ofereceria a possibilidade de também se eleger senador em um futuro próximo, nessa ocasião é apenas um soldado de cavalaria.

Encontrando-se junto a um exército romano que conquistava territórios ao longo da Ásia Menor, César decide só voltar a Roma quando Sila⁹, seu perseguidor, tiver morrido. Enquanto isso, no exército, aprende toda a arte militar, os segredos de estratégia e tática, a importância do rigor nos dispositivos. Ao longo desse tempo, passa a observar o comportamento dos povos conquistados frente aos conquistadores. Tal aprendizado deve ter-lhe sido de grande valia no que diz respeito a seus atos por ocasião da futura conquista da Gália.

⁸ Sacerdote que celebrava os sacrifícios para a divindade a que estava consagrado. Os mais importantes eram os de Júpiter (*flamen Dialis*), de Marte (*flamen Martialis*) e de Quirino (*flamen Quirinalis*), nomeados pelo pontífice máximo.

⁹ Sila havia derrotado Mário, tio de César. A resistência fez com que o ditador odiasse a César. Como era grande o ódio de Sila, ordenou que matassem César.

Após a morte de Sila, Roma se encontra sem líderes. O retorno de César à cidade, já com a experiência do muito que vira e aprendera traz consigo um natural alvoroço entre o povo. Já não mais um jovem inexperiente, César não tarda a conquistar a simpatia e o respeito dos grandes da cidade. Vale destacar que contribuiu para isso sua formação de oratória e retórica adquirida em Rodes¹⁰, antes da volta a Roma. Boa parte desse sucesso entre os romanos se deve aos discursos pronunciados sempre com voz clara, serena e segura. Nos grandes momentos públicos de sua vida, César se aproveita dessa formação, aplicando o que fora ensinado pelo mestre de retórica. Embora não se inscreva tanto no plano da oratória, a maneira como o *De Bello Gallico* é construído, por exemplo, revela tal cuidado, tal esmero com o texto.

No entanto, congregar a simpatia e o respeito do povo não é o suficiente: César se vê impaciente por alcançar consideráveis postos de influência política e administrativa. É um César que parece já ter a noção da corrupção, da injustiça social nos campos da Ásia Menor, da indisciplina em determinados círculos da organização militar. O primeiro “ato” para essa alavancada rumo à vida pública, do qual se vale para atrair a atenção dos romanos, é sua participação como acusador de um personagem do governo de Sila: Dolabela¹¹, que, mesmo com o talentoso emprego da oratória de César e com o apoio do povo (que odiava os que participaram de alguma forma da ditadura de Sila), é absolvido. Ainda assim, a enérgica acusação lançada por César soa como um aviso para o futuro: naquele jovem romano, que concilia elegância e sociabilidade com agressividade e destemor, está um terrível inimigo para

¹⁰ César havia sido instruído por Apolônio Mólón, em Rodes, que não lhe negou as lições e, vendo nele a mesma inteligência de Cícero, ensinou-lhe como se servir da palavra sem os efeitos demagógicos.

¹¹ Cneu Cornélio Dolabela, cônsul em 81 a.C. e procônsul da Macedônia de 80 a 77 a.C.. César acusou Dolabela de malversação em sua província e várias cidades gregas prestaram testemunho de seus muitos crimes, o que não foi suficiente para sua condenação. Como retribuição ao apoio, Júlio César se prontificou a advogar em favor dos gregos em outras causas.

os simpatizantes do tirano¹². A cada dia, a eloquência judiciária rende-lhe grande popularidade.

Dois partidos despertam o poder em Roma: o partido de Sila, ainda consideravelmente forte, e o de Mário, enfraquecido aos poucos. Para Júlio César, é a oportunidade de fazer com que o Partido Popular ganhe força novamente: assim ele é aclamado chefe. É o momento de se lançar na tão aguardada carreira política. Sem hesitar, César se põe frente à frente com os antigos partidários de Sila. O sobrinho de Mário alcança a popularidade entre os romanos.

Graças a essa popularidade, César é escolhido pelo povo para ser *tribunus militum*¹³, em 72 a.C., quando lhe são dedicados mais votos que ao concorrente Caio Pompílio. Posteriormente, em 69 a.C., é investido pelo senado no cargo de questor¹⁴. Essa questura é exercida na Espanha Ulterior. Cuida para que se complete a conquista da Península: sufoca algumas rebeliões, revê algumas leis aparentemente sem tanta importância. A popularidade de César também pode ser medida por conta da reação do povo romano em ocasiões como a homenagem rendida a Mário, por ocasião do cortejo de sua tia, Júlia: o povo lá está, não apenas para se despedir de Júlia, mas para ouvi-lo como um dos herdeiros públicos de Mário. César leva as imagens do tio (ainda que uns poucos tenham bradado contra tal decisão, a maioria do povo se manifestou com entusiasmo e admiração)¹⁵; o elogio fúnebre dedicado à própria esposa funciona como mais um atrativo ao povo romano, pois este passa a ver César

¹² Referência a Sila.

¹³ O tribuno militar era o oficial investido do comando de uma legião (seis por legião, 24 em um exército comum, composto de quatro legiões). Deveria ter, pelo menos, cinco anos de experiência militar. Era eleito pelo povo, mas sempre escolhido dentre os jovens pertencentes a famílias importantes.

¹⁴ Os questores eram magistrados públicos e cuidavam também da administração do erário público. Podiam ser governadores ou representantes de uma província no posto de pretor, ou ainda, encarregados de manter os registros da frota e de repartir, entre os aliados, as contribuições de prata, navios e equipamentos.

¹⁵ Parece bastante razoável compreender que o discurso fúnebre e as homenagens de César tenham sido muito aproveitados politicamente. Por mais que as imagens de Mário tenham sido levadas à cerimônia contra a vontade dos adeptos de Sila (que havia declarado Mário e seus partidários como inimigos de Roma), a vitória sobre os cimbros e os teutões na invasão sofrida pela Itália não era esquecida pelo povo, o que justifica a maioria ter ficado a favor das homenagens. Era mais um elemento que fortalecia a popularidade de Júlio César.

também com um olhar mais humano: gera-se uma maior aceitação dos romanos, mesmo aquela parte outrora contrária a César.

Mais tarde, em 65 a.C., torna-se edil¹⁶, momento em que se destacam, entre as obras, o cuidado com a ornamentação e com o embelezamento de partes da cidade, como o *Comitium*, o Capitólio, o *Forum*, entre outras. Com a edilidade, exercida juntamente com Marco Bíbulo, César se afirma como líder, faz política e começa a vislumbrar a companhia de Crasso, sem “perder de vista” Pompeu. Neste tempo, duas de suas decisões vão de acordo com a política e o interesse de Pompeu, o que vai se revelar, posteriormente, na manobra considerada decisiva para sua carreira e para a história da república: a aproximação e o acordo com Pompeu.

Em 63 a.C., César é eleito *pontifex maximus*¹⁷ após lutar pela revogação de uma lei de Sila que determinava que a eleição se realizasse apenas entre os outros pontífices. Cada vez mais disposto a alimentar a esperança de restaurar as liberdades com os direitos populares, empenhou-se em buscar a anulação da lei tradicional. César não hesita em lutar para conquistar esse cargo, o maior fiador da religião do Estado.

Embora o cargo de *pontifex maximus* corresponda ao poder, César parece ambicioso por mais do que este posto e busca logo ser nomeado pretor¹⁸, o que ocorre no mesmo ano de 63 a.C. O sobrinho de Mário passa a ter, a partir de agora, uma província (a Espanha), recursos públicos e um exército. Para ele que aprendera muito do contexto militar, esse núcleo pode lhe servir de meio mais rápido para atingir os primeiros postos de Roma.

¹⁶ As funções do edil giravam em torno do exercício da vigilância de mercados, de atividades de polícia urbana, do abastecimento da cidade, da preparação de jogos, do cuidado com os arquivos.

¹⁷ O pontífice máximo era o mais alto cargo sacerdotal. Morava no palácio do rei e era considerado seu sucessor. Representava todas as divindades reconhecidas pelo Estado. Era superior a todos os outros sacerdotes. Administrava os dias fastos e nefastos, nomeava e dirigia os flâmines, vigiava as associações de culto, intervinha nos casamentos celebrados com a *confarreatio*, em alguns sacrifícios privados e em tudo que dizia respeito aos cultos domésticos e gentílicos.

¹⁸ O pretor, a partir de 367, passou da posição de cônsul em armas para a de um magistrado encarregado de exercer a jurisdição civil. A esse pretor, em 241, juntou-se o *praetor peregrinus*, que cuidava dos litígios junto aos estrangeiros ou entre estrangeiros e cidadãos. Sendo preciso, era enviado a uma província, eleito pelas centúrias: a província lhe era atribuída por sorteio. Além da administração da Justiça, tinha direito ao comando de um exército.

O César pretor acumula grandes riquezas na Espanha, o que é suficiente para cuidar de suas dívidas. Administrador, sempre teve o nome lembrado com respeito. Tomando como medidas beneficiar os pobres, tentando libertá-los da tirania, tem na Espanha uma popularidade quase igual à que conquistara em Roma.

Em 63 a.C., César é pretor e Marco Túlio Cícero, cônsul. Durante seu consulado, Cícero denuncia uma conspiração para eliminar os magistrados eleitos, liderada por Lúcio Sérgio Catilina, um aristocrata patricio frustrado pela falta de sucesso político. César, com toda a sua oratória, opõe-se à medida de execução sem julgamento dos aliados de Catilina: raramente, um cidadão romano era executado e, quando isso acontecia, era após um longo processo judicial. Devido à ênfase de sua defesa, os opositores de César, então, acusam-no de fazer parte da conspiração de Catilina, o que nunca foi provado nem foi de grande prejuízo para sua carreira. Depois de um ano complicado como pretor, é nomeado governador da Espanha Ulterior.

No ano de 59 a.C., César é nomeado cônsul, a magistratura suprema de Roma. Como era um cargo a ser exercido em dupla, é nomeado, para seu colega, o inimigo político Marco Bíbulo. Na verdade, César exerce o consulado sozinho, pois Bíbulo praticamente se retira da vida política, sob o pretexto de se dedicar à observação dos céus em busca de presságios. O povo, que reconhecia um único cônsul efetivo, dizia gracejos na época, afirmando haver dois cônsules em Roma: “Caio” e “Júlio César”. Algumas fontes dizem que, retirando-se Bíbulo da política, sua intenção era a de tornar o consulado de César o mais difícil possível; outras garantem que sua omissão se refere ao temor diante da força do triunvirato que estava se formando.

Cneu Pompeu encontra-se em disputa aberta com o senado por causa do direito de seus soldados veteranos a terras de cultivo. Ao mesmo tempo, o antigo cônsul Marco Licínio Crasso, o homem mais rico de Roma, encontra-se também em dificuldade para obter o tão

desejado comando na guerra contra o Império Persa. César necessita do dinheiro de Crasso e da influência e popularidade de Pompeu (havia, em Roma, os que eram muito simpatizantes de um e os de outro): dessa forma, configura-se uma aliança informal, designada de primeiro triunvirato, ou “governo de três homens”. Confirmando a aliança, Pompeu se casa com Júlia, a filha única de César.

Depois de um ano difícil como cônsul, César recebe poderes proconsulares para governar a província da Gália. Logo, inicia-se a guerra da Gália, de 58 a 49 a.C.. Em 55 a.C., seus aliados Pompeu e Crasso são eleitos cônsules e prolongam seu proconsulado por mais cinco anos. A partir do ano seguinte, essa aliança começa a desmoronar; em 54 a.C., Júlia morre; em 53 a.C., Crasso morre em combate. Pompeu passa a se aproximar da facção conservadora, contrária a Júlio César, e se casa com a filha de Cipião Metelo, um dos grandes inimigos de César. A partir daí, delinea-se grande estado de tensão entre os dois, registrada fortemente na Guerra Civil.

O *cursus honorum* de César chega a seu ápice em 49 a.C., quando, voltando a Roma, é nomeado ditador pelo senado.

4.2. Formação retórica

Para sua aprendizagem intelectual, César foi confiado ainda bem menino a um mestre escolhido entre os escravos gregos, bem conhecidos por sua instrução e sua pedagogia. Aprendeu a leitura, a escrita, a gramática; depois, passados os dez anos de idade, a retórica e o grego, que se impõe a todo romano bem nascido como língua da cultura, da filosofia, da reflexão e da meditação.

Alguns anos mais tarde, por volta dos quinze anos, aprendeu o Direito Romano e a Lei das Doze Tábuas, base das instituições políticas e administrativas de Roma.

O jovem César prosseguiu seus estudos não em uma das escolas de retórica que começavam a se multiplicar em Roma, mas com escravos ou alforriados de excepcional cultura. É pertinente crer que, justamente por conta desse contato com tais escravos e alforriados, que recitavam trechos inteiros da história de Roma, conheciam a filosofia grega e destilavam os princípios da retórica, César veio a adquirir alto grau de intelectualidade. Dotado de grande memória, escutava, escrevia em pequenas tábuas, assimilava de cor o que aprendia, fazia consultas aos pergaminhos nos arquivos públicos, mas também na biblioteca de seus pais: esta última, a causa de orgulho de todas as famílias patrícias, que tinham de possuir uma.

Ainda era um garoto, mas já estava ciente de que, destinado por sua classe social às funções da política e da justiça, deveria saber replicar aos contraditores, aguçar os argumentos com citações, utilizar a dialética, construir um plano de seus discursos a fim de impressionar e vencer seus eventuais adversários pela mesma força de sua cultura e de seus argumentos.

Aos dezesseis anos, prosseguiu seus estudos, aprofundando-os graças à qualidade dos professores escolhidos por sua mãe. Dominava com perfeição o latim e tinha uma particular afinidade pelo grego: apreciava bastante a música presente na língua grega, o que possibilitou freqüentes conversas em grego com os amigos.

Algumas fontes apontam para um dado muito interessante no que diz respeito à formação cultural do jovem César. Conta-se ter sido ele discípulo de Marco Antônio Gnifo¹⁹, que tinha condição livre e era gaulês de nascimento. O fato de esse mestre ser gaulês pode até ser considerado como um provável primeiro momento de interesse em relação ao ambiente da Gália. Inicialmente, Gnifo havia instalado, em sua casa, uma escola. Posteriormente, foi preceptor na casa do jovem César. Nas palavras de Accioli:

¹⁹ Suetônio se refere a Gnifo como um homem dotado de grande memória e muito versado em grego e latim, que vivia das contribuições espontâneas de seus discípulos, uma vez que nunca cobrava por seus ensinamentos.

Cabe notar que, nessa fase da vida em que as impressões são tão vivas, César se colocara sob a orientação de um gaulês e não de um grego. É possível que o contato com Gnifo tenha despertado, pela primeira vez, seu interesse com relação aos gauleses cisalpinos ou transalpinos. Acentua Warde Fowler, que a influência de um preceptor inteligente e amável e que compartilha da moradia de seu aluno deve ultrapassar de muito a de um mestre, a cuja casa a criança se contenta em ir cada dia, à hora das lições. E se considerarmos ter Gnifo ensinado ao jovem César durante os anos das guerras social e civil, em que foi regulado o problema da extensão do direito de cidadania romana a italianos e gauleses da Itália Setentrional, podem supor que a amplitude de vistas de César nas questões políticas não se desenvolveu sem dever alguma coisa à nacionalidade e ao caráter de seu professor. (ACCIOLI, 1968, p. 15)

Tácito, conceituando César ter sido, na poesia, tão medíocre como Cícero, considera-o na geração de oradores, o mais esplêndido, isso sem contar que, preocupado com a grandeza de seus planos, teria realizado, no campo da eloquência, menos do que lhe impunha o gênero. Sobre sua carreira oratória, já citamos aqui sua acusação contra Cornélio Dolabela²⁰, que, apesar da derrota, proporcionou-lhe a admiração de muitos, que o colocaram entre os primeiros oradores dos tribunais, como mostra o relato de Suetônio:

Eloquentia militarique re aut aequavit praestantissimorum gloriam aut excessit. Post accusationem Dolabellae haud dubie principibus patronis adnumeratus est. Certe Cicero ad Brutum oratores enumerans negat se uidere, cui debeat Caesar cedere, atque eum elegantem, splendidam quoque atque etiam magnificam et generosam quodam modo rationem dicendi tenere; et ad Cornelium Nepotem de eodem ita scripsit: “Quid? Oratorem quem huic antepones eorum, qui nihil aliud egerunt? Quis sententiis aut acutior aut crebrior? Quis uerbis aut ornatior aut elegantior?”

(Diuus Iulius, LV. 1-3)

[Na eloquência e no aspecto militar igualou ou excedeu a glória dos mais notáveis. Após a acusação de Dolabela, não dubiamente foi incluído entre os principais tribunos. Certamente, Cícero, enumerando os oradores no *Bruto*, nega-se a ver a quem César devia ceder, e diz que ele tinha um estilo de eloquência, de certo modo, elegante e esplêndida, e, ao mesmo tempo, magnífica e generosa; e, daí, a Cornélio Nepos, escreveu acerca dele o seguinte: “O quê? Que orador preferes a ele, destes que nenhuma outra (atividade) fizeram? Quem é mais penetrante e rico nas idéias? Quem, nas palavras, é mais elaborado e elegante?”]

²⁰ Cf. nota 11.

Mesmo que o plano da oratória seja um tanto diferente do plano presente nos *Commentarii*, é inegável o grande valor da preparação intelectual a que César se submeteu, possibilitando-lhe usar a voz e a palavra como grande aliadas a seus planos, tanto no campo dos discursos quanto militares. Acerca do brilhantismo e engenho em relação a seu preparo intelectual e militar, assinala Bignone:

Todo en su carácter y su temperamento contribuía a hacer de él un gran artista, así como un grande hombre de acción. Una inteligencia vasta, aguda, flexible, poderosa y sutil, que lo penetra todo y a la que nada escapa; una elocuencia ardiente, pero lúcida y precisa, fácil y reflexiva; con tal dón de expresión oratoria que al decir de quienes conocieron sus discursos habría superado a todo otro orador, en ese tiempo que cuenta con los máximos oradores romanos, si hubiese querido ser orador tan sólo; una memoria inagotable, que le recordaba todo; una concentración extrema, que le permitía leer y escribir mientras escuchaba a quien le hablaba de negocios, y dictar siete cartas al mismo tiempo; una precocidad de ingenio y de decisión que ya había adivinado un hombre de acción de envergadura em poco inferior a la suya: Sila, quien aconsejaba “desconfiar de ese adolescente” en el que decía “descubrir muchos Marios”. (BIGNONE, 1952, p. 148)

No momento em que Sila afirmara haver, na figura de César, “muitos Mários”, ele fizera referência, claramente, à visível herança político-militar, antevendo que aquele jovem se tornaria um grande conquistador. No entanto, à diferença de seu tio, César não era desconhecedor da alta cultura. Pelo contrário, começou a se formar um militar diferente dos demais rivais de seu tempo. Enquanto muitos destes caracterizavam-se por ambições, muitas vezes, desmedidas pelo poder, César sempre procurou, desde muito cedo, exercer a virtude de analisar, com máxima clareza, os planos políticos. Tal comportamento era a natural consequência de sua formação altamente intelectual.

4.3. Produção literária

Além dos comentários acerca de suas campanhas, algumas outras obras são citadas como sendo de autoria de César. A ele são atribuídos o poema *Laudes herculis*, a tragédia

Edipus e a coletânea de palavras e sentenças *Apophthegmata*. Em 54 a.C., escreveu o tratado gramatical *De analogia*, em que estudou e fixou as normas da língua e do estilo com a lucidez de um grande legislador, desaconselhando, no primeiro livro desta obra, o emprego de expressões estranhas e desusadas. Mais uma clara amostra da preocupação com a excelência em sua expressão. Escreveu também, segundo Macróbio²¹, um considerável tratado relativo aos movimentos astronômicos chamado *De astris*, que é, inclusive, mencionado por Plínio²² entre as fontes de um dos livros de sua História Natural. Constam também como de grande valor literário as correspondências que César manteve com o Senado e com Cícero, que classificava suas memórias como excelentes, de estilo simples, desprovido de muitos adornos.

Nas palavras de Accioli:

Os traços característicos de César se desenham claramente em suas obras, e seu espírito somente concebe e procura o real e o útil; seu modo de ver é essencialmente romano: o que não é romano não tem direito à existência. A simplicidade da forma e a maior objetividade são os dois fatores mais importantes de seus escritos. (ACCIOLI, 1968, p. 75)

César sempre teve fixa a mente à literatura, ainda que estivesse no fervor da ação. Nas palavras de Frontão²³, César “*se ocupó de la formación de las palabras mientras las flechas silbando hendían el aire, e indagó las leyes del estilo al fragor de las trompetas guerreras*” (BIGNONE, 1952, p. 149). Por ocasião de uma rápida viagem de Roma à Espanha Ulterior, escreveu, em 46 a.C., o poema *Iter*, fazendo uma descrição dessa viagem. Em 45 a.C., para

²¹ Macróbio Theodosio, escritor por volta do ano 400, abordava assuntos como gramática, retórica, direito, astronomia e arqueologia.

²² Caio Plínio Segundo Maior, erudito que viveu no século I d.C., produziu obra vasta e heterogênea. Esta era composta de um tratado sobre a técnica do arremesso de dardos; uma biografia; livros de história da guerra contra os germanos; livros sobre a formação do orador; uma história romana; reflexões sobre problemas relacionados com o desenvolvimento dos estudos; e trinta e sete livros da História Natural (*Historia naturalis*), obra esta que restou na íntegra e que discorre sobre todo o universo conhecido.

²³ Trata-se de Marco Cornélio Frontão, retórico do período imperial.

responder aos que exaltavam a figura de Catão de Útica²⁴ (especialmente Cícero), ditou a seus secretários os livros *Anticatores*.

Com efeito, jamais se uniu e harmonizou como em Júlio César o homem de ação na política e nas armas com o gênio da expressão literária da ação e da história. É considerado o primeiro dos grandes memorialistas romanos a deixar uma obra de real importância, além de ser visto como um dos maiores historiadores que conta a literatura dos povos de todos os tempos.

De sua intensa vida pública, tendo ocupado vários importantes cargos, somada às atividades políticas e militares, extraiu o assunto para suas obras históricas: *De Bello Gallico* e *De Bello Civili*. Com essas obras, César elaborou um verdadeiro modelo de exposição histórica, fazendo uso de uma linguagem mais simples, sem grandes rebuscamentos, mas ainda assim elegante.

O *De Bello Gallico* é formado por sete livros publicados em 51 a.C. A esses sete, posteriormente, Hircio²⁵, um dos auxiliares de César na conquista da Gália, acrescentou um oitavo. Nesses sete livros, assim se desenvolve o texto:

- I. descrição da Gália; narração das campanhas ocorridas em 58 a.C. contra os helvécios e contra Ariovisto, rei dos suevos;
- II. campanha de 57 a.C., contra os belgas;
- III. campanha contra as cidades armoricanas (57 a.C.); comentários sobre a presença de Crasso na Aquitânia (56 a.C.);
- IV. campanha de 55 a.C. contra os germanos; descrição da passagem do Reno; primeira ida à Britânia;
- V. segunda ida à Britânia (54 a.C.); campanha contra os belgas (53 a.C.);

²⁴ Trata-se de Marco Pórcio Catão Uticense, também conhecido como Catão, o Jovem.

²⁵ Trata-se de Aulo Hircio, pretor em 46 a.C., pró-pretor na Gália em 45 a.C. e cônsul designado em 44 a.C., além de ser amigo pessoal e secretário de César durante a guerra.

- VI. segunda passagem do Reno; descrição dos costumes de gauleses e germanos; operações contra os belgas (53 a.C.);
- VII. levante da Gália (52 a.C.); cerco de Avárico; tomada de Lutécia; cerco e capitulação de Alésia.

Baseando-se em anotações de Júlio César, Hércio conta, no oitavo livro, o que aconteceu nos anos 51 e 50 a.C.: a campanha contra os belovacos, a tomada de Uxelodunum e o fim da guerra.

A existência de algumas pequenas contradições não é tida como algo a prejudicar a veracidade da maioria dos fatos. César baseou-se em documentos para registrar tais fatos, além de recorrer, muito provavelmente, a dados de sua memória (o que talvez explique as eventuais incoerências).

Um dos pontos interessantes do discurso de César faz parte do foco principal deste trabalho: muitas vezes, César é acusado de deformar determinados fatos para ressaltar a importância de sua pessoa, ainda que o que predomine seja um discurso de objetividade²⁶.

O estilo de César é o neo-ático, claro, preciso, objetivo, conciso, despojado de floreios poéticos. É o estilo de uma língua correta, sem muito espaço para figuras de linguagem, criação de neologismos ou vocábulos de natureza mais voltada para o poético. Trata-se de uma obra de registro histórico, de relatos de uma campanha militar, o que parece exigir mais o tipo de linguagem escolhido pelo autor.

Formada por três livros, a segunda obra histórica de Júlio César, *De Bello Civili*, não chegou a ser concluída por ele. No primeiro livro, são descritas as causas da guerra civil estabelecida entre César e Pompeu, além de se relatar a passagem do Rubicão e a tentativa de reconciliação com o general inimigo. Já no segundo livro, há o relato das batalhas travadas na Espanha entre os dois exércitos. O último livro narra como César fez-se ditador, além da

²⁶ Para este trabalho, prefere-se buscar compreender que Júlio César interpreta os fatos históricos de acordo com seus objetivos políticos, deixando o termo “deformação” exclusivamente para o autor que serve de base para esta pesquisa, Michel Rambaud.

descrição do assassinato de Pompeu. A morte o impediu de continuar o *De Bello Civili*. As continuações dessa obra, *Bellum Alexandrinum* (sobre a guerra no Egito), *Bellum Hispaniense* (sobre a campanha na Espanha) e *Bellum Africanum* (sobre a campanha na África), são, notoriamente, de estilo muito inferior ao de César, apontando para mais uma intervenção de Hércio e mais alguns colaboradores.

O *De Bello Civili* se apresenta como uma obra de caráter consideravelmente político. Nesse texto, pode-se deduzir uma possível intenção do autor em se justificar em relação à usurpação do poder, procurando atrair, convencer e congregar ideais aliados em torno de si. O que não parece ser uma exclusividade dessa obra, visto que é esse também o ponto que parece presente no alvo desta pesquisa, o *De Bello Gallico*.

Por fim, entre as obras atribuídas a ele, Gudeman (1926, p. 95) ainda cita a existência de alguns poemas amorosos, dos quais Augusto teria proibido a publicação por serem consideradas obras indignas de César, visto que eram obras juvenis.

4.4. *De Bello Gallico*

César tomou para si a tarefa de explicar ao povo de Roma o significado de sua missão na Gália. Excelente escritor que era, sabia como se dirigir a seus leitores. Seus *Commentarii* sóbrios e precisos, jamais vagos ou exagerados (como aprendera) narram a história de suas operações na Gália, Germânia e Bretanha.

Os *Commentarii de Bello Gallico* configuram-se na obra principal do escritor César, em harmonia com sua obra de capitão. Foi escrita, muito provavelmente, em poucas semanas, em meio à ação, constituindo-se de sete livros²⁷ que narram os anos intensos de guerra na

²⁷ Já foi citada, neste trabalho, a existência de um oitavo livro, atribuído a Hércio (cf. nota 23).

Gália. É o momento em que o general concilia sua atividade militar com o trabalho de um historiador de escrita compacta, concisa, tal qual aprendera em sua formação intelectual.

Na obra, é descrita a sucessão de vitórias, de povos vencidos, de tribos subjugadas, de terras conquistadas para Roma. Ou seja, toda a base levantada para a segurança futura do império. Destacam-se as figuras dos subjugados reis e comandantes que intentaram a independência bárbara: Ariovisto, Ambiórige, Vercingetórige. Este último, o ponto principal de nossa leitura, visto que grande parte de seu perfil chegara até nós através de César, justamente, no *De Bello Gallico*.

Quintiliano²⁸, certa vez, afirmou que César narrara suas guerras com o mesmo engenho com que as combatera. Cícero, que era seu adversário na política (e também na literatura), elogiou muito a construção do *De Bello Gallico*²⁹.

O general romano escreve, no *De Bello Gallico*, sempre *César* e não *eu*. Em terceira pessoa, busca impor sua objetividade. Curioso também é o fato de, grande orador que é, fascinar a todos com a eloqüência e ser um dos poucos historiadores que não utiliza discursos eloqüentes em suas histórias. Ilustram o *De Bello Gallico* os relatos rápidos, resumidos e em estilo indireto, sem frases eloqüentes.

O relato da guerra contra os gauleses possui real valor histórico, uma vez que, nele, César lançou mão de uma apresentação fria e objetiva, tal como fora formado. No *De Bello Gallico*, consta a narração de fatos de que ele tinha participado pessoalmente ou que se tornaram conhecidos por ele por meio de seus lugar-tenentes.

²⁸ Marco Fábio Quintiliano, advogado e proprietário de famosa escola de retórica fundada, ao que parece, por volta do ano 70 de nossa era. Notabilizou-se por ter procurado reconduzir a oratória a suas dimensões legítimas (ela que havia se tornado superficial e ornamentada no período júlio-claudiano), colocando-a a serviço da pátria e do direito, e ter se preocupado com questões de ordem moral. Permaneceu, na íntegra, seu tratado de doze livros chamado “A instituição oratória” (*Institutio oratoria*), com o objetivo único de explicitar o necessário para a formação do orador. Parte da premissa de que o orador deve ser “o homem de bem, capaz de discursar”.

²⁹ Cícero, *Bruto* 262.

No entanto, embora o refinamento de sua cultura fique perceptível por meio de seu estilo, os comentários não são sem defeitos. Alguns estudiosos consideram a possibilidade de as contradições ou incoerências da obra serem justificadas por conta de os livros do relato não terem sido publicados de uma só vez, o que possibilitara a intervenção de diferentes copistas: isso tornara mais difícil a tarefa relacionada às correções mais importantes.

Muito provavelmente, César enviava os relatos para o Senado, redigidos com rapidez e clareza elogiáveis. Era possível que ele acrescentasse alguns complementos, algumas variantes, redigindo assim o relatório que era disseminado entre o povo. O envio desses relatos deveria obedecer a determinados intervalos, o que talvez justifique a existência de eventuais incoerências.

Era também a maneira de, informando Roma acerca de seus feitos, consolidar seu nome entre os grandes romanos: Pompeu brilhara no Oriente enquanto César era o “conquistador” do Ocidente. Entre o exército romano da Gália e Roma havia troca constante de correspondências. César se ocupava de diversos secretários e, escrevendo muito, desejava estar a par de tudo, pois, se não se ocupasse da opinião pública de Roma, deixaria o campo livre a seus inimigos, perdendo o fruto de seus esforços na Gália.

Rambaud, considerando os *Commentarii* um excelente exemplo de propaganda utilizando assunto histórico, sugere que César teria sido pouco conhecido se não houvesse tido o cuidado de relatar seus feitos. Ainda segundo ele, César mostra a realidade, mas de uma forma conveniente a seus interesses. Em suas palavras:

César montre la réalité, mais du côté qui convient à ses intérêts, et les formes de son récit suscitent chez le lecteur une impression fautive: c'est ce que nous appelons L'art de la Déformation historique dans les Commentaires de César de la déformation historique. (RAMBAUD, 1967, p. 364)

Também Bloch e Cousin apontam para essa idéia acerca dos escritos relacionados com a propaganda:

A **propaganda** encontrava também na literatura uma ajuda apreciável. Sem dúvida de menor alcance, visto que a sua difusão era limitada; mas os escritores estavam em contacto com os homens no poder e com os círculos que agiam.

Não era novidade dar à literatura esta feição: sabe-se como César compunha os seus Comentários e como Pompeio encontrava em Teofanes de Mitilene um turiferário. Augusto ouvia com agrado as leituras de poemas e de histórias, de discursos e de diálogos e só aceitava acerca dele próprio obras sérias, da lavra dos maiores escritores. (BLOCH; COUSIN, 1964, p. 310) **[grifo nosso]**

Gudeman chega ao ponto de determinar que a condição de escritor de César buscava apenas fazer propaganda política:

El más grande de los romanos y una de las figuras más conspicuas de la historia universal, C. Julio César (100-44), ocupa en la historia de la literatura un lugar más discreto. No era escritor de profesión y sus obras históricas sirviéronle puramente de medios para la consecución de fines políticos. (GUDEMAN, 1926, p. 94)

5. CONQUISTA DA GÁLIA

A *Gallia prouincia* – ou, simplesmente, *Gallia* – significava a Gália Cisalpina no período compreendido entre o fim do século III e a maior parte do II a.C. Após a conquista dessa região, entre os Alpes e as Cevenas, passa a haver, na linguagem administrativa de Roma, duas “Gálias”: uma, a futura *Narbonensis* (*Gallia ulterior*); a outra, a Cisalpina (*Gallia citerior*).

Terminando o ano de 59 a.C., depois de ter exercido o cargo de cônsul, César recebeu três províncias: a Gália Cisalpina, a Ilíria e a Gália Transalpina, isto é, a Narbonense, por força de um *senatusconsultum*³⁰. Quanto à *Gallia comata*, que César define no início dos *Commentarii*, ele devia conquistar.

Por experiência pessoal ou por meio de leituras, César conhecia todas as “Gálias” (já citamos neste trabalho que parte de sua formação retórica se deu com um gaulês de nascimento, o que pode ter, desde muito cedo, ajudado a ambientá-lo no assunto). Quando por ocasião de suas funções de pró-questor e pró-pretor na Espanha, já percorrera as estradas da *prouincia Narbonensis*.

Na época de César, distinguiam-se, na Gália, três grandes regiões: ao centro, a Gália Céltica; ao norte, a Gália Belga; a sudoeste, a Aquitânia. Nos dizeres do próprio César:

Gallia est omnis diuisa in partes tres; quarum unam incolunt Belgae, aliam Aquitani, tertiam, qui ipsorum lingua Celtae, nostra Galli appellantur.
(De Bello Gallico, I, I)

[Toda a Gália está dividida em três partes; uma das quais os belgas habitam, os aquitanos (habitam) outra e (habitam) a terceira aqueles que na língua deles próprios são chamados celtas e, na nossa, gauleses.]

³⁰ Segundo Canfora (2002, p. 493), “trata-se de uma medida com a qual o Senado reconhecia uma situação da maior gravidade na política interna do Estado e decidia confiar aos cônsules a defesa dele, concedendo-lhes o direito de eliminar quem quer que fosse causa da perturbação da ordem.”

César designa sob o nome de Gália tanto a Gália inteira independente (Bélgica, Céltica e Aquitânia) quanto a Gália Céltica propriamente dita. A Gália que fora submetida aos romanos antes de César é chamada por ele de *Gallia prouincia*. A Gália independente mais a Província formam o conjunto que César chama de *Gallia Transalpina* ou *ulterior*, em oposição à *Gallia Cisalpina* ou *citerior*, correspondente ao norte da Itália.

A sociedade gaulesa, quando César entrou em contato com ela, vivia um momento de grande agitação. O regime político das diferentes populações gaulesas ia se configurando em uma espécie de ditadura graças ao apoio popular.

O movimento tendente à supressão da realeza – forma inicial do governo – não foi geral nem uniforme, possibilitando que a permanência da instituição monárquica tenha sido mais firme nos confins da Gália, onde os progressos políticos chegavam mais tardiamente. Na maior parte da Gália, ela desapareceu no segundo século, ante o novo regime da magistratura. Quando Cedito, pai de Vercingetórige, tentou restabelecer a hegemonia dos arvernos, não tomou o título de rei e foi morto por ambicionar a tirania real. Ou seja, as lutas dos partidos, as rivalidades entre as populações e toda a sorte de desentendimentos pareciam ser o prelúdio de uma situação de anarquia.

Ao mesmo tempo em que o panorama anárquico da Gália poderia se configurar em uma situação de risco para Roma, do outro lado, César precisava realizar um grande feito para equiparar sua reputação militar com a de Pompeu, uma vez que este estava a conquistar novas províncias no Oriente. O plano de ação de César firmou-se quando iniciou seu governo provincial. Tinha uma missão difícil a cumprir: controlar os conflitos intestinos entre os gauleses e conquistar seus territórios. As duas ações seriam ainda uma medida de segurança: se, por exemplo, Ariovisto, rei dos suevos³¹, em uma dessas contendas internas, tomasse o poder da Gália Transalpina, nada impediria o chefe bárbaro de cruzar os Alpes e levar perigo

³¹ Nome dado pelos romanos a povos da Grande Germânia, que lhes eram pouco conhecidos, e que os romanos consideravam como nômades.

à Itália. Além disso, essas ações de César, conseqüentemente, faziam com que se igualasse a Pompeu em relação às conquistas.

Anexar a Gália exigiu de César nove anos de difícil guerra. Lançou-se, inicialmente, contra os helvécios e contra os germanos próximos do Reno (estes estavam repetindo as tentativas feitas já na época de Mário, que era tomar as terras da Gália e lá se estabelecerem). A vitória sobre Ariovisto salvou a Gália do que seria a conquista romana. Nesta luta, César contou com o apoio das tribos da Gália central e estabeleceu uma espécie de protetorado sobre a Céltica.

Tal situação de protetorado não agradou as tribos do norte e do oeste, os belgas, os armóricos e os aquitanos, que se rebelaram. Em 57 a.C., César os submeteu. Com isso, começava a surgir um movimento nacional entre os povos da Gália central, que começavam a perceber que a aliança com César poderia significar a escravidão gaulesa.

Chefiados por Vercingetórige, os gauleses reuniram suas forças e tentaram expulsar os romanos. Graças à intensa atividade e uma série de manobras bem planejadas, César conseguiu cercar os gauleses em Alésia e impor-lhes a decisiva derrota.

A missão de César estava encerrada. Conseguira tudo o que a Gália poderia lhe dar: dinheiro, exército e reputação militar junto aos romanos.

6. VERCINGETÓRIGE

6.1. Chefe gaulês

Vercingetórige era um jovem nobre da tribo dos arvernos, do centro-sul da Gália. No inverno de 53-52 a.C., ele vivia em Gergóvia, capital dos arvernos, em um planalto situado a 360 metros acima do nível do mar, na extremidade norte das montanhas do Auvergne.

Uma moeda lançada em 52 a.C. mostra Vercingetórige como um jovem, provavelmente na casa dos vinte anos, com cabelos encaracolados sobre as orelhas e grandes olhos. Ele era o filho do último chefe dos arvernos, que uma vez tentara governar todo o povo belga da Gália, mas que fora morto pelas tribos por causa de seus modos autocráticos. As tribos gaulesas guardavam natural aversão a qualquer homem que lhes tentasse impor regras.

Estava Vercingetórige bastante descontente com a ocupação romana de seu território quando, em janeiro de 52 a.C., se viu entusiasmado com as notícias que recebera do norte: as tribos dos carnutes haviam-se levantado contra os colonizadores romanos, massacrando-os. Viu, nesse levante, a oportunidade de conclamar seu povo à luta e começou a pregar abertamente a rebelião contra os romanos. O efeito, porém, foi contrário em um primeiro momento: seus planos aterrorizaram seu tio e outros anciãos arvernos. Como resultado, o príncipe foi expulso de Gergóvia.

Nas semanas seguintes, Vercingetórige se dirigiu para os arredores das vilas dos arvernos, disseminando a idéia da rebelião e congregando aliados em todos os lugares em que esteve. Retornou, assim, a Gergóvia, quase como um “messias da libertação”, expulsando o tio e os outros anciãos que antes lhe fizeram o mesmo, e reivindicou a liderança do povo.

Tão logo assumiu essa liderança, enviou emissários às tribos vizinhas, exortando-as a se unirem aos arvernos para forçar a saída dos romanos da Gália. Vercingetórige almejava

unir³² a Gália inteira, tentando enfraquecer as tropas de César pela extensão geográfica das lutas. Muitas das tribos gaulesas, recentemente humilhadas pelas legiões romanas, esperavam por tal oportunidade de se juntarem contra os invasores romanos. Elas, prontamente, apoiaram o levante do jovem príncipe, unanimemente elegendo-o comandante supremo de seu renovado esforço de guerra. Reunindo grande contingente de forças nas montanhas, Vercingetórige marchou para o território das tribos vizinhas, que antes haviam sido submetidas a Roma. Essas tribos logo passaram a ser vistas como ameaça à Gália Narbonense, província romana.

Havia duas grandes tribos que, nessa época, disputavam o prestígio político entre os gauleses: os arvernos (chefiados por Vercingetórige) e os héduos (aliados dos romanos, mas cuja lealdade a César, por vezes, era instável e duvidosa). O primeiro grande desafio de Vercingetórige era conscientizá-los, com seus discursos, de que o sentimento de liberdade nacional deveria se sobrepor às divergências locais.

Esse é o ponto central do ideário político e militar do chefe gaulês. É a linha mestra de toda a sua campanha (tanto nas vitórias quanto nos reveses). Busca enfatizar a maior importância do interesse comum em relação ao aspecto particular. Como demonstrativo disso, nos trechos do *De Bello Gallico* destacados por esta pesquisa, encontramos constantemente a ocorrência do sintagma *communis salutis* (ou *libertatis*) *causa*.

6.2. Discursos aos gauleses

Os discursos de Vercingetórige (supostamente pronunciados por ele, visto que é César quem os transcreve) são, reiteradamente, voltados para a causa do bem comum – a repetição é um recurso retórico. Por meio deles, o comandante busca a unificação de todos os gauleses. Em um desses discursos, justifica até a necessidade de sacrifícios e privações particulares,

³² O primeiro discurso de Vercingetórige, registrado no livro VII do *De Bello Gallico*, mostra o príncipe arverno conclamando o povo da Gália contra Roma (7, 14).

como incendiar aldeias e fazendas próprias para impedir os romanos de terem acesso à forragem e ao abastecimento: antes disso do que “os filhos e cônjuges serem arrastados para a servidão e eles próprios serem mortos” em caso de vitória romana (7, 14). O bem comum vale mais do que o bem particular.

Através dos verbos declarativos, vai se delineando, no texto de César, o perfil do comandante gaulês. Sua ascendência moral e militar sobre os demais chefes é consolidada graças à severidade de suas ordens e ao rigor dos castigos infligidos às mentes mais rebeldes. Mesmo em um momento em que é acusado de traição, consegue manter-se líder e explicar, com autoridade, suas atitudes, recebendo resposta positiva após seu discurso (7, 20-21). Sua palavra, para os gauleses, denota sabedoria, experiência, prudência e uma árdua persistência, visando a subjugar o romano dominador.

7. TRADUÇÃO E ANÁLISE DOS DISCURSOS

7.1. Apresentação de Vercingetórige (7, 4)

Simili ratione ibi Vercingetorix, Celtilli filius, Aruernus, summae potentiae adulescens, cuius pater principatum Galliae totius obtinuerat et ob eam causam, quod regnum appetebat, ab ciuitate erat interfectus, conuocatis suis clientibus facile incendit. Cognito eius consilio ad arma concurritur. Prohibetur ab Gobannitione, patruo suo, reliquisque principibus, qui hanc temptandam fortunam non existimabant; expellitur ex oppido Gergouia; non desistit tamen atque in agris habet dilectum egentium ac perditorum. Hac coacta manu, quoscumque adit ex ciuitate ad suam sententiam perducit; hortatur ut communis libertatis causa arma capiant, magnisque coactis copiis aduersarios suos a quibus paulo ante erat eiectus expellit ex ciuitate. Rex ab suis appellatur. Dimittit quoque uersus legationes; obtestatur ut in fide maneant. Celeriter sibi Senones, Parisios, Pictones, Cadurcos, Turonos, Aulercos, Lemouices, Andos reliquosque omnes qui Oceanum attingunt adiungit: omnium consensu ad eum defertur imperium. Qua oblata potestate omnibus his ciuitatibus obsides imperat, certum numerum militum ad se celeriter adduci iubet, armorum quantum quaeque ciuitas domi quodque ante tempus efficiat constituit; in primis equitatui studet. Summae diligentiae summam imperi seueritatem addit; magnitudine supplicii dubitantes cogit. Nam maiore commisso delicto igni atque omnibus tormentis necat, leuiore de causa auribus desectis aut singulis effossis oculis domum remittit, ut sint reliquis documento et magnitudine poenae perterreant alios.

[Pela mesma razão aí Vercingetórige, filho de Celtilo, arverno, jovem do mais elevado poder, cujo pai obtivera o domínio de toda a Gália e, por esta razão – porque ambicionava o reinado – fora morto pelos cidadãos, tendo convocado seus clientes, facilmente inflamou-os. Conhecida a sua decisão, corre-se para as armas. É impedido por Gobanicião, seu tio, e pelos chefes restantes, que não achavam que essa sorte devesse ser tentada; é expulso da cidade de Gergóvia; não desiste, todavia, nos campos faz o recrutamento de homens indigentes e arruinados. Reunida essa tropa, conquista para sua causa todos aqueles dentre os cidadãos que ele encontra; exorta para que peguem as armas em defesa da liberdade comum e, tendo reunido muitas tropas, expulsa da cidade seus adversários, pelos quais tinha sido banido pouco antes. É aclamado rei pelos seus simpatizantes. Envia também embaixadores a eles; suplica(-lhes) que permaneçam na lealdade. Rapidamente, coloca junto a si os Senones, os Parisios, os Pictones, os Cadurcos, os Turonos, os Aulercos, os Lemovices, os Andos e todos os restantes que tocam o oceano; segundo o consentimento de todos, o comando supremo é concedido a ele. Oferecido este poder, exige reféns de todas estas cidades, ordena que um número exato de soldados seja conduzido rapidamente até ele, determina quantas armas cada cidade deve produzir em seu território e antes de qual data; dedica atenção especial principalmente à cavalaria. À mais intensa dedicação ele acrescenta a maior severidade do comando; reúne os indecisos através do rigor do castigo. Com efeito, cometido um delito mais grave, ele mata pelo fogo e por todos os suplícios, por um motivo mais leve, tendo(-lhe) cortado as orelhas ou furado um olho, manda(-o) de volta para casa, para que sirvam de exemplo aos restantes e aterrorizem os outros pelo rigor da punição.]

Neste capítulo, temos, em linhas gerais, o perfil do jovem príncipe. O sintagma *summae potentiae adulescens* destaca sua ascendência nobre. Com seus dotes oratórios, inflama sua clientela: *conuocatis suis clientibus facile incendit*. Vercingetórige conquista para sua causa uma multidão de compatriotas graças a sua oratória. Interessante César destacar isso no outro; a “grandeza do outro”: *ad suam sententiam perducit*.

Importantíssimo para a análise do perfil de Vercingetórige, o sintagma *communis libertatis causa* determina o seu objetivo mais importante na luta contra César: a causa da liberdade comum de todos os gauleses.

Formas verbais que ressaltam suas ações: *hortatur* (na luta pela liberdade); *obtestatur* (apelo à lealdade); *imperat*; *iubet*; *constituit*. O objetivo da luta encabeçada por Vercingetórige: *communis libertatis causa*. A severidade para com seus aliados e subordinados: *Summae diligentiae summam imperi seueritatem addit; magnitudine supplicii dubitantes cogit*.

7.2. Discurso de Vercingetórige (César, *De Bello Gallico*, 7, 14)

Vercingetorix tot continuis incommodis Vellaunoduni, Cenabi, Nouioduni acceptis suos ad concilium conuocat. Docet longe alia ratione esse bellum gerendum atque antea gestum sit. Omnibus modis huic rei studendum, ut pabulatione et comteatu Romani prohibeantur. Id esse facile, quod equitatu ipsi abundant et quod anni tempore subleuntur. Pabulum secari non posse; necessario dispersos hostes ex aedificiis petere: hos omnes cotidie ab equitibus deleri posse. Praeterea communis salutis causa rei familiaris commoda neglegenda; uicos atque aedificia incendi oportere hoc spatio ab uia quoque uersus, quo pabulandi causa adire posse uideantur. Harum ipsis rerum copiam suppetere, quod, quorum in finibus bellum geratur, eorum opibus subleuntur; Romanos aut inopiam non laturos aut magno periculo longius ab castris processuros: neque interesse, ipsosne interficiant, impedimentisne exuant, quibus amissis bellum geri non possit. Praeterea oppida incendi oportere, quae non munitione et loci natura ab omni sint periculo tuta, neu suis sint ad detractandam militiam receptacula neu Romanis proposita ad copiam comteatus praedamque tollendam. Haec si grauius aestimari debere, liberos, coniuges in seruitutem abstrahi, ipsos interfici; quae sit necesse accidere uictis.

[Vercingetórige, tendo sofrido tantos reveses em Vellaunoduno, Cenabo e Novioduno, convoca os seus para uma reunião. Demonstra que a guerra deve ser executada de uma maneira bem diferente da que até então tinha sido feita. De

todos os modos, deve-se realizar este projeto, para que os romanos sejam privados de forragem e de provisões. Isso seria fácil, porque eles próprios possuem numerosa cavalaria e porque serão favorecidos pela estação do ano. A pastagem não poderia ser cortada; necessariamente, procurariam os inimigos dispersos forragem nas fazendas: poderiam todos estes ser destruídos todos os dias pelas cavalarias. Além disso, devem ser desprezadas as comodidades familiares por causa da salvação comum; é preciso incendiar aldeias e fazendas em todos aqueles trechos do caminho dos quais os romanos pareçam aproximar-se para obter forragem. Eles mesmos obterão a abundância destas coisas, porque serão favorecidos pelos recursos daqueles em cujas fronteiras for feita a guerra. Os romanos ou não suportarão a falta de víveres ou avançarão com grande perigo para muito longe dos acampamentos: nem lhes importaria se matassem os mesmos ou se os despojassem das bagagens, perdidas as quais, a guerra não poderia ser feita. Além disso, era preciso incendiar as cidades, as quais não estivessem seguras de todo perigo por muro nem pela natureza do local, para que não existam abrigos para os que desertassem do exército e nem sirvam aos romanos para abundância de provisões e como presas a ser saqueadas. Se estas coisas lhes parecerem graves ou hostis, dever ser considerado muito mais grave que elas (o fato de) os filhos e cônjuges serem arrastados para a servidão (e) eles próprios serem mortos; o que seria necessário acontecer aos vencidos.]

Neste discurso, Vercingetórige anuncia uma nova tática para impedir o acesso dos romanos à forragem e ao abastecimento de víveres: incendiar aldeias e fazendas às quais os romanos poderiam chegar. Suas palavras são transcritas no discurso indireto.

A forma verbal *docet* inicia o desenvolvimento do discurso, pondo em destaque a ascendência moral, política e militar do líder gaulês sobre seus aliados e subalternos. Na seqüência argumentativa do general, as ações vêm indicadas por verbos flexionados em formas de infinitivo e de subjuntivo.

Dentre as construções infinitivas subordinadas a *docet*, ressaltamos:

- I. *esse bellum gerendum;*
- II. *Omnibus modis huic rei studendum;*
- III. *Id esse facile;*
- IV. *Pabulum secari non posse;*
- V. *dispersos hostes ex aedificiis petere;*
- VI. *deleri posse;*
- VII. *rei familiaris commoda neglegenda [esse];*
- VIII. *uicos atque aedificia incendi oportere;*

- IX. *Harum ipsis rerum copiam suppetere;*
- X. *Romanos aut inopiam non laturos [esse] aut... processuros [esse];*
- XI. *oppida incendi oportere;*
- XII. *multo illa grauius aestimare debere, liberos, coniuges in seruitutem abstrahi, ipsos interfici.*

A seqüência de orações infinitivas empregadas na construção do discurso indireto mostra-nos a onipresença de Vercingetórige, expressa estilisticamente por César. A argumentação do chefe está centrada no campo semântico do verbo *doceo*, que carrega consigo essa conotação de onipresença e autoridade.

Por meio de seu discurso e de sua exaustiva argumentação, Vercingetórige mostra, prova a seus aliados que sua tática deve ser seguida rigorosamente. Ensina-lhes que devem resistir aos romanos à custa de todos os sacrifícios que se façam necessários. A idéia central que motiva a exortação veemente de Vercingetórige consiste em colocar a salvação comum de todos os gauleses acima dos interesses familiares: *communis salutis causa rei familiaris commoda neglegenda*.

A conclusão do discurso é que, muito mais duras que essas iniciativas (em princípio, até desagradáveis), deve ser considerada a humilhação do cativo e da morte infligida pelos romanos.

7.3. Vercingetórige defende-se das acusações de traição (7, 20-21)

Vercingetorix, cum ad suos redisset, prodicionis insimulatus, quod castra propius Romanos mouisset, quod cum omni equitatu discessisset, quod sine imperio tantas copias reliquisset, quod eius discessu Romani tanta opportunitate et celeritate uenissent – non haec omnia fortuito aut sine consilio accidere potuisse; regnum illum Galliae malle Caesaris concessu quam ipsorum habere beneficio – tali modo accusatus ad haec respondit: Quod castra mouisset, factum inopia pabuli etiam ipsis hortantibus: quod propius Romanos accessisset, persuasum loci opportunitate, qui se ipse munitione defenderet: equitum uero operam neque in loco palustri desiderari debuisse et illic fuisse utilem, quo sint profecti. Summam imperi se consulto nulli discedentem tradidisse, ne is multitudinis studio ad dimicandum impelleretur, cui rei propter animi mollitiam studere

omnes uideret, quod diutius laborem ferre non possent. Romani si casu interuenerint, Fortunae, si alicuius indicio uocati, huic habendam gratiam, quod et paucitatem eorum ex loco superiore cognoscere et uirtutem despiciere potuerint, qui dimicare non ausi turpiter se in castra receperint. Imperium se ab Caesare per proditionem nullum desiderare, quod habere uictoria posset, quae iam esset sibi atque omnibus Gallis explorata: quin etiam ipsis remittere, si sibi magis honorem tribuere quam ab se salutem accipere uideantur. "Haec ut intellegatis", inquit, "a me sincere pronuntiari, audite Romanos milites." Producit seruos, quos in pabulatione paucis ante diebus exceperat et fame uinculisque excruciauerat. Hi iam ante edocti quae interrogati pronuntiarent milites se esse legionarios dicunt; fame et inopia adductos clam ex castris exisse, si quid frumenti aut pecoris in agris reperire possent: simili omnem exercitum inopia premi, nec iam uires sufficere cuiusquam nec ferre operis laborem posse: itaque statuisset imperatorem, si nihil in oppugnatione oppidi profecissent, triduo exercitum deducere. "Haec," inquit, "a me", Vercingetorix, "beneficia habetis, quem proditionis insimulatis; cuius opera sine uestro sanguine tantum exercitum uictorem fame consumptum uidetis; quem turpiter se ex fuga recipientem ne qua ciuitas suis finibus recipiat a me prouisum est."

Conclamat omnis multitudo et suo more armis concrepat, quod facere in eo consuerunt, cuius orationem adprobant: summum esse Vercingetorigem ducem, nec de eius fide dubitandum, nec maiore ratione bellum administrari posse. Statuunt, ut decem milia hominum delecta ex omnibus copiis in oppidum mittantur, nec solis Biturigibus communem salutem committendam censent, quod penes eos, si id oppidum retinuissent, summam uictoriae constare intellegebant.

[Vercingetórige, como tivesse voltado para junto dos seus, acusado de traição porque tinha movido (seu) acampamento para mais perto dos romanos; porque tinha-se afastado com toda a cavalaria; porque tinha deixado tantas tropas sem o comando supremo; porque, devido a seu afastamento, os romanos tinham chegado com tanta facilidade e rapidez – (diziam eles que) todas essas coisas não podiam ter acontecido casualmente ou sem propósito; (que) ele preferia obter o governo da Gália por concessão de César a obtê-lo por benefício deles próprios –; de tal forma acusado, ele respondeu a essas palavras: (que) ele havia movido o acampamento, isto foi feito devido à falta de forragem e também por instigação deles próprios: ele tinha-se aproximado dos romanos, convencido da vantagem do lugar, que se defendia por si mesmo, sem (qualquer) fortificação: na verdade, o trabalho dos cavaleiros não deveria fazer falta num local pantanoso, e ela tinha sido útil no lugar para onde eles partiram. Ao se afastar, ele não transmitira intencionalmente o poder supremo a ninguém, para que este não fosse impedido a combater pelo desejo da multidão, ele via que todos desejavam isto por causa da fraqueza de ânimo, porque não poderiam suportar por muito mais tempo o cansaço. Se os romanos intervieram por acaso, deve-se agradecer à Fortuna, se (foi) pela revelação de alguém, a ele deve-se agradecer, porque, de uma posição elevada, eles puderam verificar o número reduzido e desprezar a coragem daqueles que, não tendo ousado lutar, recolheram-se vergonhosamente ao seu acampamento. Ele não desejava (obter) de César, pela traição, nenhum poder que poderia alcançar pela vitória que já estava assegurada a ele e a todos os gauleses: além do mais, ele poderia devolver (o poder) a eles mesmos, se julgassem conceder-lhe mais honra do que receber dele a salvação. "Para que entendais", disse ele, "que estas palavras são pronunciadas por mim sinceramente, ouvi os soldados romanos." Ele apresenta os escravos, que, poucos dias antes, capturara na pastagem e torturara pela fome e com as correntes. Eles, já instruídos anteriormente (sobre) o que diriam (quando) interrogados, dizem que são soldados legionários; induzidos pela fome e pela

necessidade, saíram às escondidas do acampamento, (a ver) se poderiam encontrar algum trigo ou rebanho nos campos: todo o exército era atormentado por semelhante penúria, já não restam forças a ninguém nem é possível suportar o esforço do trabalho: e, assim, o comandante decidiu que retira o exército em três dias, se nada tivessem obtido no cerco da fortaleza. “Vós recebeis estes benefícios de mim a quem acusais de traição”, disse Vercingetórige; “com este trabalho, sem a perda de vosso sangue, vedes um tão grande exército vitorioso consumido pela fome; foi decidido por mim que nenhuma cidade receberá em seus territórios este (exército) quando ele estiver fugindo vergonhosamente.”

Toda a multidão grita e, segundo seu costume, bate com as armas, o que costumam fazer diante daquele cujo discurso eles aprovam: (proclamam) que Vercingetórige é o chefe supremo, não se deve duvidar de sua lealdade, nem é possível administrar uma guerra com maior eficiência. Decidem que dez mil homens selecionados dentre todas as tropas serão enviados à fortaleza e julgam que a salvação comum não deve ser confiada somente aos bitúriges, porque entendiam que, se estes tivessem conservado a fortaleza, a totalidade da vitória ficaria com eles.]

No capítulo XX, o sintagma *proditionis insimulatus* introduz as acusações que os chefes gauleses lançam contra Vercingetórige – estas são enumeradas em construções subordinadas introduzidas anaforicamente pela conjunção *quod* e sintetizadas pelas construções infinitivas *accidere potuisse, malle... habere e habere*.

A resposta às acusações recebidas é introduzida pela forma verbal *respondit*. Uma por uma são refutadas essas acusações (*quod... quod...*) e seguidas de formas verbais infinitivas no discurso do general gaulês: *desiderari debuisse; fuisse utilem; tradidisse; Imperium... nullum desiderare*.

Em seguida, Vercingetórige apresenta os prisioneiros romanos que, previamente instruídos e coagidos pelos gauleses, prestam um depoimento, cujas informações vêm introduzidas pela forma verbal *dicunt*, que, no texto, recebe como complementos os seguintes infinitivos oracionais: *esse, exisse, premi, sufficere, ferre... possent, statuisse, deducere*.

César usa se utiliza do discurso direto, que, neste capítulo, põe Vercingetórige em evidência. É um recurso estilístico para dar maior ênfase ao fato de que ele “pessoalmente” fala aos gauleses, a fim de se defender das acusações de traição.

No capítulo XXI, César descreve a aprovação pública dos gauleses, em voz alta. O texto se inicia com a forma verbal *Conclamat*, que introduz as construções subordinadas a seguir:

- I. *summum esse Vercingetorigem ducem*;
- II. *nec de eius fide dubitandum [esse]*;
- III. *nec maiore ratione bellum administrari posse*.

Seguem-se orações com verbos de valor deliberativo que descrevem as atividades por eles desenvolvidas: *Statuunt, censent, intellegebant*, em nome da salvação comum a todos os gauleses: *communis salus*. Esta é a maior das motivações para manter viva a luta pela liberdade da nação gaulesa, segundo o pensamento de Vercingetórige.

Vale citar que Vercingetórige faz uso da estrutura básica do discurso clássico: *docere, delectare e mouere*³³. Se, antes, os gauleses estavam condenando Vercingetórige por uma suposta traição, a partir do momento em que o comandante começa a discursar, eles aprendem com ele (*docere*), agradam-se de suas palavras (*delectare*) e são impelidos ao combate (*mouere*). Isso se torna possível porque o personagem Vercingetórige é um gaulês romanizado: ganha uma imagem via César. assim, é possível ele seguir o modelo clássico do discurso.

7.4. Vercingetórige restabelece a confiança dos gauleses (7, 29)

Postero die concilio conuocato consolatus cohortatusque est ne se admodum animo demitterent, neue perturbarentur incommodo. Non uirtute neque in acie uicisse Romanos, sed artificio quodam et scientia oppugnationis, cuius rei fuerint ipsi imperiti. Errare, si qui in bello omnis secundos rerum prouentus expectent. Sibi numquam placuisse Auaricum defendi, cuius rei testes ipsos haberet; sed factum imprudentia Biturigum et nimia obsequentia reliquorum uti hoc incommodum acciperetur. Id tamen se celeriter maioribus commodis sanaturum. Nam quae ab reliquis Gallis ciuitates dissentirent, has sua diligentia adiuncturum atque unum consilium totius Galliae effecturum, cuius consensui ne orbis quidem terrarum possit obsistere; idque se prope iam effectum habere.

³³ Cícero, *De optimo genere oratorum*, I, 3: *Docere debitum est, delectare honorarium, permouere necessarium*.

Interea aequum esse ab iis communis salutis causa impetrari ut castra munire instituerent, quo facilius repentinos hostium impetus sustinerent.

[No dia seguinte, tendo convocado a assembléia, consolou-os e exortou-os a que não se sentissem desanimados nem se perturbassem com a derrota. (Dizia-lhes) que os romanos não tinham vencido nem pela coragem nem pela organização de suas tropas, mas por um certo artifício e perícia do cerco, coisas em que eles mesmos eram ignorantes. Erram os que esperam que, na guerra, todos os desfechos sejam favoráveis. Nunca lhe agradara que Avárico fosse defendida, desse fato, ele os tinha a eles próprios por testemunhas; mas aconteceu que pela inexperiência dos bitúriges e pela excessiva complacência dos restantes, este revés lhes era inflingido. Todavia, ele haveria de repará-lo rapidamente com maiores sucessos. Com efeito, ele reuniria, com seu empenho, as cidades que se afastassem dos demais gauleses e obteria um só sentimento de toda a Gália e, na verdade, o mundo não poderia resistir a esse consenso; e isto ele quase já havia obtido. Nesse ínterim, era justo que, pela causa da salvação comum fosse providenciado por eles que decidissem fortificar o acampamento, para que, mais facilmente resistissem às repentinas investidas dos inimigos.]

As formas verbais *consolatus est* e *cohortatus est* introduzem a seqüência de argumentos de Vercingetórige, apresentados para restabelecer o moral dos soldados gauleses. Essa série de afirmações vem expressa em orações infinitivas subordinadas:

- I. *uicisse Romanos* – a técnica e a habilidade dos romanos;
- II. *Errare* – destaca a incerteza no desfecho dos combates;
- III. *Sibi numquam placuisse Auaricum defendi* – o desastre de Avárico;
- IV. *factum [esse] uti... acciperetur* – o resultado da imprudência dos bitúriges;
- V. *Id... se... sanaturum [esse]* – a reparação dos reveses sofridos;
- VI. *adiuncturum atque... effecturum [esse]* – as providências a serem tomadas por Vercingetórige;
- VII. *se prope... effectum habere* – os resultados a serem alcançados;
- VIII. *aequum esse... impetrari ut* – a atitude justa a ser tomada.

Destaca-se, mais uma vez, a necessidade da luta pela liberdade comum: *communis salutis causa*.

A descrição deste capítulo traz um ponto comum entre César e Vercingetórige: este consola e exorta seus comandados para que não desanimem com a derrota. É sabido que

César é adorado por seus soldados justamente porque partilha com eles tanto as vitórias quanto as provações, não se concedendo qualquer vantagem suplementar em relação a qualquer um de seus legionários. A relação de confiança entre César e seu exército é a chave tanto de sua autoridade quanto dos sucessos militares. Essa característica também é apontada a Vercingetórige no momento em que ele tenta reanimar seus comandados.

7.5. Confiança dos gauleses e elogio de César (7, 30)

Fuit haec oratio non ingrata Gallis, et maxime quod ipse animo non defecerat tanto accepto incommodo neque se in occultum abdiderat et conspectum multitudinis fugerat; plusque animo providere et praesentire existimabatur, quod re integra primo incendendum Auaricum, post deserendum censuerat. Itaque ut reliquorum imperatorum res aduersae auctoritatem minuunt, sic huius ex contrario dignitas incommodo accepto in dies augebatur. Simul in spem ueniebant eius adfirmatione de reliquis adiungendis ciuitatibus; primumque eo tempore Galli castra munire instituerunt; et sic sunt animo confirmati homines insueti laboris, ut omnia quae imperarentur sibi patienda existimarent.

[Este discurso não foi desagradável aos gauleses, principalmente porque ele próprio não perdera a coragem depois de tão grande revés sofrido, nem se retirara para um lugar oculto nem fugira aos olhares da multidão; e acreditava-se que ele previa e pressentia muito mais em seu espírito, porque, com a situação intacta, ele opinara que Avárico devia ser primeiro incendiada, em seguida, abandonada. E, assim como as adversidades diminuem a autoridade dos demais comandantes, da mesma forma, a dignidade deste, ao contrário, depois de sofrida uma derrota, era aumentada dia a dia. Ao mesmo tempo, graças a sua afirmação, tinham esperança de que as demais cidades deveriam unir-se; e, pela primeira vez, naquele momento, os gauleses decidiram fortificar seu acampamento; e, de tal modo foram fortalecidos em seu espírito os homens não acostumados ao trabalho, que acreditavam deverem ser suportados por eles todos os esforços que fossem (deles) exigidos.]

Neste capítulo, vêm-se os efeitos do discurso de Vercingetórige ao restabelecer a confiança dos gauleses. Destaque-se, inicialmente, o lítotes *oratio non ingrata Gallis*. Em seguida, o chefe gaulês soube enfrentar estoicamente os reveses e a presença da multidão.

Vejamos no original:

I. *animo non defecerat;*

II. *neque se in occultum abdiderat et conspectum multitudinis fugerat;*

III. *animo prouidere et praesentire* – o chefe gaulês era capaz de antever o resultado de suas operações militares.

O clímax do elogio ao adversário Vercingetórige é obtido pela expressiva antítese que opõe o abatimento moral dos generais derrotados ao prestígio que o general gaulês via aumentar dia a dia: as formas verbais *minuunt* e *augebatur* ressaltam essa idéia.

Na conclusão do capítulo, destacamos os verbos e as locuções que revelam a elevação do entusiasmo dos seus subalternos:

- I. *in spem ueniebant*;
- II. *instituerunt*;
- III. *sunt animo confirmati*;
- IV. *imperarentur*;
- V. *patienda existimarent*.

7.6. Vercingetórige seleciona os chefes mais valorosos (7, 31)

Nec minus quam est pollicitus Vercingetorix animo laborabat ut reliquas ciuitates adiungeret, atque earum principes donis pollicitationibusque alliciebat. Huic rei idoneos homines deligebat, quorum quisque aut oratione subdola aut amicitia facillime capere posset. Qui Auarico expugnato refugerant, armandos uestiendosque curat; simul, ut deminutae copiae redintegrarentur imperat certum numerum militum ciuitatibus, quem et quam ante diem in castra adduci uelit, sagittariosque omnes, quorum erat permagnus numerus in Gallia, conquiri et ad se mitti iubet. His rebus celeriter id quod Auarici deperierat expletur. Interim Teutomatus, Ollouiconis filius, rex Nitiobrigum, cuius pater ab senatu nostro amicus erat appellatus, cum magno equitum suorum numero et quos ex Aquitania conduxerat ad eum peruenit.

[Mais do que prometeu, Vercingetórige esforçava-se para reunir as cidades restantes e persuadia seus chefes com presentes e promessas. Selecionava os homens capacitados para essa tarefa, cada um dos quais poderia muito facilmente conquistar ou pela palavra artificiosa ou pela amizade. Manda vestir e armar aqueles que se haviam refugiado após o ataque de Avárico; ao mesmo tempo, para reorganizar as tropas diminuídas, exige das cidades um número certo de soldados, (dizendo) quantos e antes de qual dia quer que sejam eles conduzidos a seu acampamento, e manda que sejam recrutados e enviados para ele todos os arqueiros, cujo número era muito grande na Gália. Com estas providências, rapidamente separa o que havia sido perdido em Avárico. Nesse ínterim, Teutomato, filho de Olovicão e rei dos nitiobroges, cujo pai foi

chamado amigo por nosso senado, chegou até ele com um grande número de seus cavaleiros e com aqueles que trouxera da Aquitânia.]

Os primeiros esforços de Vercingetórige para recompor as forças aliadas são destacados por três construções verbais de imperfeito do indicativo:

- I. *animo laborabat*;
- II. *principes donis pollicitationibusque alliciebat*;
- III. *idoneos homines deligebat* (seleção de soldados de elite).

Os artifícios oratórios e os laços de amizade eram utilizados como argumentos persuasivos através dos sintagmas *aut oratione subdola aut amicitia*.

Citamos, a seguir, as formas verbais *curat*, *imperat*, *iubet*, e *expletur*, que marcam as atividades do chefe gaulês:

- I. *armandos uestiendosque curat* – providência de armamentos para os refugiados de Avárico;
- II. *imperat* – recrutamento de novos soldados;
- III. *conquiri et ad se mitti iubet* – ordem para enviar arqueiros para o seu exército;
- IV. *expletur* – recuperação das perdas da guerra.

7.7. Vercingetórige expõe seus planos aos héduos (7, 64)

Ipsa imperat reliquis ciuitatibus obsides diemque ei rei constituit. Huc omnes equites, xv milia numero, celeriter conuenire iubet: peditatu quem antea habuerat se fore contentum dicit, neque fortunam temptaturum aut in acie dimicaturum; sed, quoniam abundet equitatu, perfacile esse factu frumentationibus pabulationibusque Romanos prohibere; aequo modo animo sua ipsi frumenta corrumpant aedificiaque incendant, qua rei familiaris iactura perpetuum imperium libertatemque se consequi uideant. His constitutis rebus Haeduis Segusiauisque, qui sunt finitimi [ei] prouinciae, decem milia peditum imperat; huc addit equites DCCC. His praeficit fratrem Eporedorigis bellumque inferri Allobrogibus iubet. Altera ex parte Gabalos proximosque pagos Aruernorum in Heluios, item Rutenos Cadurcosque ad fines Volcarum Arecomitorum depopulandos mittit. Nihilo minus clandestinis nuntiis legationibusque Allobrogas sollicitat, quorum mentes nondum ab superiore bello

resedissee sperabat. Horum principibus pecunias, ciuitati autem imperium totius prouinciae pollicetur.

[Ele próprio exige reféns das cidades restantes e marca o dia para essa entrega. Ordena que todos os cavaleiros, em número de quinze mil, se dirijam rapidamente para este lugar: diz que se contentará com a infantaria que tivera antes, não tentará a sorte nem lutará em linha de batalha; mas, visto que possui cavalaria numerosa, será muito fácil de fazer com que prive os romanos do abastecimento de trigo e da forragem; do mesmo modo, eles próprios devem destruir propositalmente suas reservas de trigo e incendiar as granjas, para verem que, com a destruição dos bens familiares, conquistarão a soberania perpétua e a liberdade. Decididas estas coisas, exige dos héduos e dos segusiavos, que são vizinhos da província (romana), dez mil soldados de infantaria; neste lugar, ele acrescenta oitocentos cavaleiros. Em seu comando, põe o irmão de Eoredórige e ordena que a guerra seja levada aos alóbroges. Do outro lado, envia os gábalos e as aldeias próximas dos arvernos contra os hélios; igualmente, envia os rutenos e os cadurcos para devastar as fronteiras dos volcas arecônicos. Todavia, ele assedia os alóbroges com mensageiros secretos e embaixadas, cujas mentes esperava que ainda não estivessem esquecidas da última guerra. Promete dinheiro a seus chefes, mas, à cidade, (promete) o domínio de toda a província.]

Neste capítulo, três verbos veiculam as ordens de Vercingetórige para dar início às operações militares constantes de seus planos: *imperat*, *constituit* e *celeriter conuenire iubet*.

Subordinadas sintaticamente à forma verbal declarativa *dicit* são indicadas as ações pessoais do comandante gaulês:

- I. *peditatu... se fore contentum* – o comando da infantaria;
- II. *neque fortunam temptaturum aut in acie dimicaturum [esse]* – não tentar a sorte nem lutar em linha de batalha;
- III. *perfacile esse factu... Romanos prohibere* – a facilidade com que cortaria o acesso dos romanos ao trigo e à forragem;
- IV. *sua... frumenta corrumpant aedificiaque incendant* – ordem para que destruam o trigo e incendeiem as granjas.

Este capítulo ainda opõe, mais uma vez, o bem-estar familiar à luta pela soberania e pela liberdade: *rei familiaris iactura* e *perpetuum imperium libertatemque se consequi uideant*.

Novas ordens são veiculadas por meio de verbos de sentido imperativo:

- I. *imperat* – formação de novo destacamento de infantaria;

- II. *iubet* – ordem para atacar os alóbroges;
- III. *depopulandos mittit* – envio de tropas para devastar as terras dos volcas arecônicos;
- IV. *clandestinis nuntiis legationibusque Allobrogas sollicitat* – envio de embaixadas secretas aos alóbroges;
- V. *sperabat* – revela a esperança de conquistar a adesão desse povo;
- VI. *pollicetur* – mostra a decisão de recompensar com dinheiro e poder os comandantes dessa região.

7.8. Reforços em nome da liberdade comum (7, 71)

Vercingetorix, prius quam munitiones ab Romanis perficiantur, consilium capit omnem ab se equitatum noctu dimittere. Discedentibus mandat ut suam quisque eorum ciuitatem adeat omnesque qui per aetatem arma ferre possint ad bellum cogant. Sua in illos merita proponit obtestaturque ut suae salutis rationem habeant neu se optime de communi libertate meritum hostibus in cruciatum dedant. Quod si indiligentiores fuerint, milia hominum delecta LXXX una secum interitura demonstrat. Ratione inita exigue dierum se habere XXX frumentum, sed paulo etiam longius tolerari posse parcendo. His datis mandatis qua opus erat intermissum secunda uigilia silentio equitatum mittit. Frumentum omne ad se referri iubet; capitis poenam iis qui non paruerint constituit; pecus, cuius magna erat copia ab Mandubiis compulsa, uiritim distribuit; frumentum parce et paulatim metiri instituit; copias omnes quas pro oppido collocauerat in oppidum recepit. His rationibus auxilia Galliae expectare et bellum parat administrare.

[Vercingetórige, antes que as fortificações sejam concluídas pelos romanos, toma a decisão de despachar à noite toda a cavalaria. Aos que partem, determina que cada um deles vá a sua cidade e reúna para a guerra todos aqueles que, pela idade, possam empunhar armas. Mostra sua dedicação para com eles e roga-lhes que cuidem da sua segurança e não entreguem aos inimigos para o suplício aquele que muitíssimo lutou pela liberdade comum. E, se eles tiverem sido muito negligentes, prova que, juntamente com ele, perecerão oitenta mil homens seletos. Considerada esta estimativa, eles possuíam trigo somente para trinta dias, mas seria possível suportar [essa escassez] por um pouco mais tempo, racionando-o. Dadas essas ordens, ele despacha a cavalaria em silêncio durante a segunda vigília por onde a fortificação fora interrompida. Ordena que todo trigo seja trazido para ele; impõe a pena de morte àqueles que não lhe obedecerem; distribui, a cada soldado, o rebanho, grande parte do qual fora reunida pelos mandúbios; determina que o trigo seja medido [para a distribuição] parcimoniosamente e aos poucos; recolhe, na fortaleza, todas as tropas que colocara diante dela. Por meio dessas iniciativas, prepara-se para esperar as tropas auxiliares da Gália e para comandar a guerra.]

Neste capítulo, após despachar a cavalaria, Vercingetórige solicita reforços de seus aliados para enfrentar os romanos. Eis as suas providências, expressas pelas construções verbais a seguir:

- I. *consilium capit* – decide despachar a cavalaria;
- II. *mandat* – incumbe seus aliados de recrutar novos combatentes;
- III. *proponit* – expõe a todos os seus méritos pessoais;
- IV. *obtestatur* – roga aos seus aliados que não o entreguem aos inimigos – em nome da liberdade comum, pela qual ele vem lutando (*de communi libertate meritum*);
- V. *demonstrat* – adverte sobre o risco decorrente da negligência, provando a eles que é necessário lutar com diligência para não sacrificar em vão os soldados de elite;
- VI. *paulo etiam longius tolerari posse parcendo* – a escassez de trigo exige o racionamento para a subsistência dos combatentes;
- VII. *mittit* – despacha a cavalaria à noite;
- VIII. *iubet* – ordena que o trigo seja trazido, marcando a autoridade sobre seus aliados, extremamente rigorosa;
- IX. *constituit* – impõe a pena capital em caso de desobediência;
- X. *distribuit* – distribui o rebanho;
- XI. *metiri instituit* – determina o racionamento do trigo;
- XII. *recepit* – recolhe as tropas no seu acampamento;
- XIII. *auxilia Galliae expectare et bellum parat administrare* – prepara-se para o comando da guerra, após a chegada das tropas auxiliares.

Vale destacar, neste capítulo, o emprego constante de verbos ligados ao campo semântico de “mandar”, “exigir”, “ordenar”, “estabelecer”, “instituir”, “decidir” e sinônimos, associados às atividades desenvolvidas por Vercingetórige. Ele é o chefe que tudo decide, tudo ordena, a todos castiga rigorosamente (quando necessário), a todos discursa quando fala

(e combate) em defesa da liberdade comum, a qual exige o sacrifício do bem-estar e do patrimônio pessoal de cada gaulês.

7.9. Os gauleses contrariam as ordens de Vercingetórige (7, 75)

Dum haec apud Alesiam geruntur, Galli concilio principum indicto non omnes qui arma ferre possent, ut censuit Vercingetorix, conuocandos statuunt, sed certum numerum cuique ciuitati imperandum, ne tanta multitudine confusa nec moderari nec discernere suos nec frumenti rationem habere possent. Imperant Haeduis atque eorum clientibus, Segusiuus, Ambiuaretis, Aulercis Brannoicibus, Blannouius, milia XXXV; parem numerum Aruernis adiunctis Eleutetis, Cadurcis, Gabalis, Vellauis, qui sub imperio Aruernorum esse consuerunt; Sequanis, Senonibus, Biturigibus, Santonis, Rutenis, Carnutibus duodena milia; Bellouacis X; [totidem Lemouicibus]; octona Pictonibus et Turonis et Parisiis et Heluetiis; [Senonibus,] Ambianis, Mediomatricis, Petrocoriis, Neruiis, Morinis, Nitiobrigibus quina milia; Aulercis Cenomanis totidem; Atrebatibus IV; Velocassis, Lexouius et Aulercis Eburouicibus terna; Rauracis et Boiis singula; XX uniuersis ciuitatibus quae Oceanum attingunt quaeque eorum consuetudine Aremoricae appellantur, quo sunt in numero Coriosolites, Redones, Ambibarii, Caletes, Osismi, Lemouices, Venelli. Ex his Bellouaci suum numerum non compleuerunt, quod se suo nomine atque arbitrio cum Romanis bellum gesturos dicebant neque cuiusquam imperio optemperaturos; rogati tamen ab Commio pro eius hospitio duo milia una miserunt.

[Enquanto essas operações são feitas diante de Alésia, os gauleses, depois de realizada a assembléia dos chefes, estabelecem que não deviam ser convocados todos os que pudessem empunhar armas, como decidiu Vercingetórige, mas que deveria ser exigido de cada cidade um número determinado (de combatentes), para não ocorrer que, com tão grande multidão confusa, eles não pudessem controlar nem distinguir os seus nem providenciar o abastecimento de trigo. Exigem, dos héduos e dos seus clientes, segusiavos, ambivaretos, aulercos, branovices, blanóvios, trinta e cinco mil soldados; exigem igual número dos arvernos, tendo sido acrescentados a eles, os eleutetos, os cadurcos, os gábalos, os velávios, que estavam habituados a viver sob o domínio dos arvernos; dos séquanos, senones, bitúriges, santonos, rutenos, carnutes, exigem doze mil de cada povo; dos belovacos, dez mil; idem dos lemovices; oito mil dos pictones, dos turones, dos parísios e dos helvécios; [dos senones], ambianos, mediomatrics, petrocórios, nérvios, morinos, nitiogrogos, cinco mil; dos aulercos cenomanos, igual número; dos atrebates, quatro mil; dos velocassos, lexóvios e aulercos eburovices, três mil; dos rauracos e dos bóios, mil; vinte mil de todas as cidades que tocam o oceano e que, segundo o seu costume, se chamam armóricas, e, neste grupo, estão os coriosolites, redones, ambibários, cáletes, osismos, lemovices, unelos. Dentre estes, os belovacos não cumpriram a sua cota, porque diziam que fariam a guerra com os romanos em seu nome e por sua própria decisão, e não obedeceriam ao comando de ninguém; todavia, rogados por Cômio, enviaram dois mil soldados ao todo, em consideração à sua hospitalidade.]

No capítulo 75, os chefes gauleses decidem, numa assembléia, modificar as recomendações de Vercingetórige. A forma *statuunt* serve como núcleo verbal da decisão tomada. Em oposição à ordem do general (*omnes conuocandos*), a ordem dos aliados restringe o número de recrutados: *non omnes... conuocandos statuunt, sed certum numerum... imperandum [statuunt]*.

Em oposição à decisão do chefe (*ut censuit*), os seus aliados argumentam com a impossibilidade de cumprimento de suas instruções: *nec moderari nec discernere suos nec frumenti rationem habere possent*. A nova ordem, portanto, vem subordinada à forma verbal *Imperant*.

Dentre esses povos todos, César destaca os belovacos, que, recusando a princípio sua participação na confederação gaulesa, só se alia aos demais em nome dos laços de hospitalidade que o uniam a Cômio, chefe dos morinos: *pro eius hospitio duo milia una miserunt*.

7.10. Vitória de César em Alésia (7, 88)

Accelerat Caesar, ut proelio intersit. Eius aduentu ex colore uestitus cognito, quo insigni in proeliis uti consuerat, turmisque equitum et cohortibus uisis, quas se sequi iusserat, ut de locis superioribus haec decliua et deuexa cernebantur, hostes proelium committunt. Vtrimque clamore sublato excipit rursus ex uallo atque omnibus munitionibus clamor. Nostri omissis pilis gladiis rem gerunt. Repente post tergum equitatus cernitur. Cohortes aliae adpropinquabant: hostes terga uerterunt. Fugientibus equites occurrunt. Fit magna caedes. Sedullus, dux et princeps Lemouicum Aremoricorum occiditur: Vercassiuellaunus Aruernus uiuus in fuga comprehenditur; signa militaria LXXIV ad Caesarem referuntur: pauci ex tanto numero se incolumes in castra recipiunt. Conspicati ex oppido caedem et fugam suorum desperata salute copias a munitionibus reducunt. Fit protinus hac re audita ex castris Gallorum fuga. Quod nisi crebris subsidiis ac totius diei labore milites essent defessi, omnes hostium copiae deleri potuissent. De media nocte missus equitatus nouissimum agmen consequitur: magnus numerus capitur atque interficitur; reliqui ex fuga in ciuitates discedunt.

[Apressa-se César para participar do combate. Reconhecida sua aproximação pela cor de sua roupa, que ele costumava usar adornada nos combates, e, avistados os destacamentos de cavaleiros e as coortes, que ele ordenara que o seguissem, visto que, dos lugares mais altos, eram vistos os caminhos que desciam ladeira abaixo, os inimigos travam o combate. Erguendo-se um clamor

de dois lados, em seguida, (outro) clamor responde da palissada e de todas as trincheiras. Abandonando os dardos, os nossos travam a luta com as espadas. De repente, a cavalaria é avistada na retaguarda. Outras coortes aproximavam-se: os inimigos fugiram. Os cavaleiros interceptavam os fugitivos. Faz-se uma grande matança. Sedulo, comandante chefe dos lemovices armóricos, é morto: o arverno Vercassivelauno é capturado vivo durante a fuga; setenta e quatro insígnias militares são entregues a César: poucos, de tão grande número (de homens), retornavam ao acampamento incólumes. Tendo notado, da cidadela, a matança e a fuga dos seus, desesperando-se da salvação, eles retiram as tropas das trincheiras. Ocorre, imediatamente, depois de ouvida esta notícia, a fuga do acampamento dos gauleses. E, se os soldados não estivessem esgotados pelas contínuas operações de socorro e pelo esforço de um dia inteiro, todas as tropas dos inimigos poderiam ter sido destruídas. Por volta da meia-noite, a cavalaria despachada alcança a retaguarda (inimiga): um grande número é capturado e morto; os restantes da fuga afastam-se para suas cidades.]

Este capítulo é reservado à descrição dos combates que trouxeram a vitória final às legiões romanas. Inicia-se com a chegada de César, que se apressa para participar da luta. Por isso, o texto é iniciado com a forma verbal *Accelerat*, conforme transcrevemos: *Accelerat Caesar, ut proelio intersit*.

Segue-se a descrição do general romano, cuja presença leva os inimigos a iniciar o combate, no qual são derrotados com muitíssimas baixas e fuga dos sobreviventes, graças à eficiência dos romanos.

7.11. Rendição de Vercingetórige (7, 89)

Postero die Vercingetorix concilio conuocato id bellum se suscepisse non suarum necessitatum, sed communis libertatis causa demonstrat, et quoniam sit fortunae cedendum, ad utramque rem se illis offerre, seu morte sua Romanis satisfacere seu uiuum tradere uelint. Mittuntur de his rebus ad Caesarem legati. Iubet arma tradi, principes produci. Ipse in munitione pro castris consedit: eo duces producuntur; Vercingetorix deditur, arma prociuntur. Reseruatis Haeduis atque Aruernis, si per eos ciuitates reciperare posset, ex reliquis captiuis toto exercitui capita singula praedae nomine distribuit.

[No dia seguinte, Vercingetórige, tendo convocado a assembléia, declara que empreendeu essa guerra não levado por seus interesses, mas pela causa da liberdade comum, e, visto que se deve ceder à fortuna, ele se oferece a eles para duas finalidades, quer eles desejem agradar aos romanos com sua morte, quer desejem entregá-lo vivo. Embaixadores são enviados a César sobre estes fatos. (Este) ordena que as armas (lhe) sejam entregues e os chefes (lhe) sejam apresentados. Ele próprio instalou-se numa trincheira diante do acampamento: para lá, são levados os comandantes (gauleses); Vercingetórige é entregue, suas

armas são jogadas a sua frente (no chão). Tendo poupado os héduos e os arvernos, na suposição de que poderia, através deles, reconquistar essas cidades, dentre os restantes prisioneiros, ele distribuiu um por cabeça, a todo o exército, com o valor de uma presa.]

Neste capítulo, ocorre a rendição de Vercingetórige, após anunciar sua decisão em assembléia reunida no dia seguinte à vitória romana. Em seu rápido discurso, a forma verbal *demonstrat*, resume as razões que o levaram a lutar – não por seus próprios interesses, mas em defesa da liberdade de todos os gauleses: *non suarum necessitatum [causa], sed communis libertatis causa* – e a decisão de interromper os combates: *quoniam sit fortunae cedendum*, pois era necessário ceder à fortuna que deu a vitória aos romanos. E coloca seu destino nas mãos dos aliados.

Em resposta aos embaixadores gauleses, César ordena concisamente, iniciando o período com o verbo declarativo *Iubet*, como se lê em: *Iubet arma tradi, principes produci*. A entrega do general gaulês é referida laconicamente: *Vercingetorix deditur, arma proiciuntur*.

Neste momento, fica definitivamente comprovada a supremacia de César sobre todas as tropas gaulesas comandadas pelo general que possuía tão elevados dotes militares. O comandante supremo das legiões romanas consolida sua autoridade sobre toda a Gália.

Encerrando esse livro sétimo, no capítulo 90, héduos e arvernos se rendem, César parte para seu quartel de inverno em Bibracte, e, em Roma, são celebradas suplicações durante vinte dias.

8. CONCLUSÃO

A formação retórica e literária de César propiciou-lhe os meios necessários à sua brilhante carreira política. Desde o início de seus estudos, revelou-se um jovem de inteligência extraordinária. Sua vocação para a carreira das armas, porém, não lhe permitiu tornar-se talvez o mais ilustre escritor de Roma.

Ao longo da pesquisa, verificamos, em dados pontos, o cuidado que César teve com a formação intelectual, capaz de forjá-lo ao bom uso das palavras. Sua oratória firme – era conhecedor seguro do grego e do latim – não apenas lhe abriu as portas para a vida pública, mas também lhe assegurou a estima de seus subalternos, no comando das tropas durante as campanhas que forjaram seu prestígio militar.

César, além de general notável, foi o historiador de seus sucessos militares. O resultado disso foi a criação da figura de um general e historiador de muita habilidade com as palavras, com os relatos, com os escritos. Nos *Commentarii*, as verdades não estão falseadas abertamente, mas dissimuladas ou reelaboradas artisticamente, em benefício do autor. César era capaz de manipular a informação de acordo com o que pretendia dela, prática muito comum no meio político. Relatava quase sempre exatamente seus sucessos, mas sabia apresentá-los de forma muito habilidosa em seu favor quando lhe importava. Se não dizia tudo, desejava que o dito não fosse visto como mentira por aqueles que ele sabia estarem atentos e, muitas vezes, mal dispostos a receber suas palavras, a quem não podia enganar por serem contemporâneos dos acontecimentos por ele narrados.

Seguindo o modelo dos prosadores neo-áticos, criou um estilo literário que primava pela concisão da frase, despojada de floreios estilísticos, e pela objetividade dos relatos. No *De Bello Gallico*, aqui examinado, adotou a técnica do discurso indireto no registro de suas batalhas vitoriosas, por vezes, abaladas por reveses que não lhe subtraíram o triunfo final. A

referida técnica permitiu-lhe documentar as vitórias de suas legiões na pena de um narrador objetivo de terceira pessoa.

Foram nove anos de árdua luta em solo gaulês. No ano de 52 a.C., o príncipe arverno Vercingetórige decidiu impor-se como chefe da resistência nacional gaulesa contra as legiões romanas. Neste ensejo, César encontrou excelente oportunidade para servir a seus objetivos políticos, enaltecendo as virtudes bélicas do chefe gaulês: a ascendência moral e política deste sobre os demais chefes locais, sua estratégia, a imposição de sua vontade e suas idéias sobre todos os seus aliados, recorrendo ao rigor dos castigos para convencer os mais rebeldes.

Na transcrição dos (supostos) discursos pronunciados por Vercingetórige, a centralização dessas exortações se faz a partir de verbos declarativos, que nos mostram um guerreiro interessado, acima de tudo, no bem-estar e na liberdade de todos os povos da Gália. Em várias passagens, vimos enaltecida a causa do bem comum. Verbos como *doceo*, *iubeo*, *constituo* e *instituo* destacam a sabedoria, a experiência militar, a firmeza da autoridade, a persistência no combate, a tenacidade do chefe que se impõe sem contestação a seus comandados.

Traçar a figura de Vercingetórige tão elevada nada mais aparenta que fazer um elogio de si mesmo, visto que, para derrotar indivíduo tão nobre quanto Vercingetórige, seria necessário um guerreiro mais valoroso que este.

Certa vez, Cícero disse que César, ao ordenar reerguer as estátuas de Pompeu, que tinham sido derrubadas, consolidava mais ainda as suas próprias estátuas³⁴. Isso significa dizer que, na grandeza de personagens inimigos desenhada por César, como no caso do destaque dado a Vercingetórige, reside o realce de sua própria grandeza. Em outras palavras, o engrandecimento do chefe inimigo, dotado de excelentes qualidades, tinha por finalidade

³⁴ Plutarco, *Cícero*, XL.

exaltar ainda mais o brilho do general romano, César, como vencedor do mais eficiente guerreiro gaulês, Vercingetórige.

9. REFERÊNCIAS

ACCIOLI, Roberto. **Non rex, sed Caesar**. Síntese da vida e da obra de Caio Júlio César. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1968.

BAILLY, Auguste. **Jules César**. Paris: Arthème Fayard et Cie, 1932.

BASSOLS DE CLIMENT, Mariano. **Sintaxis latina**. 6. ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1981.

BAYET, Jean. **Littérature latine**. 10. éd. rev. corr. Paris: Armand Colin, 1962.

BIGNONE, Ettore. **Historia de la literatura latina**. Trad. Gregorio Halperín. Buenos Aires: Editorial Losada, 1952.

BLOCH, Raymond; COUSIN, Jean. **Roma e o seu destino**. In: FEBVRE, Lucien; BRAUDEL, Fernand (org). Trad. Maria Antonieta Magalhães Godinho. Lisboa: Ed. Cosmos, 1964. (Coleção Rumos do Mundo, 4).

CAESAR, C. Julius, **Commentarii de Bello Gallico**. 6. éd. rev. corr. Ed. Henri Goelzer. Paris: Garnier, 1906.

CANFORA, Luciano. **Júlio César: o ditador democrático**. Trad. Antonio da Silveira Mendonça. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CARCOPINO, Jérôme. **César**. Histoire Ancienne. Troisième partie. Paris: Presses Universitaires de France, 1936. Tome II, v. II.

CARDOSO, Zelia de Almeida. **A literatura latina**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CÉSAR. **Guerre des Gaules**. Texte établi et traduit par L. A. Constans. 5. éd.. Paris: Les Belles Lettres, 1954.

_____. **Vercingétorix**. Bellum Gallicum, livre VII. Présenté par Jacques Révil. Paris: Hachette, 1955.

DANDO-COLLINS, Stephen. **A Legião de César**: a saga épica da Décima Legião de elite de Júlio César e dos Exércitos de Roma. Trad. Sílvia Sarzana. São Paulo: Madras, 2006.

DUGGAN, Alfred. **Julius Caesar**. Trad. Geir Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, [19--].

ERNOUT, Alfred; THOMAS, François. **Syntaxe latine**. 2. ed. Paris: Librairie Klincksieck, 1959.

FERRERO, Guglielmo. **Grandeza y decadencia de Roma**: Julio César. Trad. M. Ciges Aparicio. Buenos Aires: Ediciones Siglo Veinte, 1946.

GAFFIOT, Félix. **Dictionnaire illustré latin-français**. Paris: Hachette, 1934.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1972.

GUDEMAN, Alfred. **Historia de la Literatura Latina**. Trad. Carlos Riba. Barcelona: Editorial Labor S.A., 1926. Tomo III.

JULLIAN, Camille. **Gallia**. Paris: Hachette, 1912.

KOCH, Julius. **Historia de Roma**. Trad. José Camón Aznar. Barcelona: Editorial Labor, S. A., [19--].

LAVEDAN, Pierre; BLOCH, René. **Histoire Romaine**. Paris: Librairie Delagrave, 1928.

PARATORE, Ettore. **História da literatura latina**. Trad. Manuel Sosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PIGANIOL, André. **Historia de Roma**. Trad. Ricardo Anaya. Buenos Aires: EUDEBA, 1961.

PLUTARCO. **Vidas paralelas**: Alexandre e César. Trad. Júlia Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2005.

RAMBAUD, Michel. **César**. 2. éd.. Paris: Presses Universitaires de France, 1967 (Que sais-je? 1.049).

_____. **L'art de la déformation historique dans les Commentaires de César.** Paris: Les Belles Lettres, 1953.

RÉVIL, Jacques. **Vercingétorix de César.** Paris: Librairie Hachette, 1938.

ROSTOVTZEFF, M. **História de Roma.** Trad. Waltensir Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Novíssimo dicionário latino-português.** 10. ed. Rio de Janeiro/Belo Horizonte, Garnier, 1993.

SCHMIDT, Joël. **Júlio César.** Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SUETÔNIO. **A vida dos Doze Césares.** Trad. Sady-Garibaldi. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2003.

_____; PLUTARCO. **Vidas de César.** Tradução e notas: Antonio da Silveira Mendonça e Ísis Borges Belchior da Fonseca. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.

THEVENOT, Émile. **Histoire des gaulois.** 5. éd. rev.. Paris: Presses Universitaires de France, 1971. (Que sais-je? 206).

TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino-Português.** Porto: Marânus, 1945.

THE OXFORD Classical Dictionary. Reprinted. London: Oxford University Press, 1950.